



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

O mito esportivo e o discurso midiático: o caso Bruno

Luiz Fernando Ecard Pecis

Rio de Janeiro/ RJ
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

O mito esportivo e o discurso midiático: o caso Bruno

Luiz Fernando Ecard Pecis

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Rio de Janeiro/ RJ
2010

O mito esportivo e o discurso midiático: o caso Bruno

Luiz Fernando Ecard Pecis

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Aprovado por

Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho – orientador

Prof. Ms. Nilo Sérgio Gomes

Prof. Dr. Paulo César Castro

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/ RJ
2010

PECIS, Luiz Fernando Ecard.

O mito esportivo e o discurso midiático: o caso Bruno / Luiz Fernando Ecard Pecis – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2010.

66f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2010.

Orientação: Eduardo Granja Coutinho

1. Futebol. 2. Mídia. 3. Mito. I. COUTINHO, Eduardo Granja (orientador) II. ECO/UFRJ III. Jornalismo IV. Título

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Elizabeth e Luiz Henrique, que sempre torceram e fizeram o que foi possível para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças quando eu achei que não seria possível seguir em frente.

Aos meus pais, que foram meus pilares e principais espelhos desde cedo para que eu buscasse o sucesso.

À Anna Beatriz, por muitas vezes ser meu porto seguro quando eu tinha vontade de deixar as coisas de lado.

Aos meus familiares e amigos que, de alguma forma, foram importantes nos momentos de descontração, mesmo quando a ordem era não perder o foco.

Ao meu orientador, Eduardo Coutinho, pelos conselhos pontuais que ajudaram a completar o trabalho quando não parecia ser possível.

PECIS, Luiz Fernando Ecard. O mito esportivo e o discurso midiático: o caso Bruno. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação Em Jornalismo) – Escola de Comunicação, UFRJ. 66f.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tentar entender o papel da imprensa na criação e manutenção de mitos no cenário esportivo nacional. Como objeto específico de análise, foi escolhido Bruno, ex-goleiro do Flamengo que, por ter se envolvido em uma polêmica que transcende os fatores futebolísticos dentro de campo, exemplifica perfeitamente a complexa relação entre público, ídolo e os responsáveis pela cobertura do dia a dia do esporte mais aclamado pelas massas em todo o país. A discussão, entretanto, parte desde o ponto em que o jogador ainda era pouco conhecido no futebol brasileiro para então tentar explicar o que ajudou a transformar mais um atleta de origem humilde em fenômeno midiático de grandes proporções. E, com essa base estabelecida, a intenção é provar que, uma vez que o ídolo foi aceito como tal pela sociedade, até mesmo a maior das polêmicas serve como combustível para que se renove de alguma forma a aura mitológica nele contida.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	
2. Bruno: o contexto por trás da queda.....	
2.1 A ascensão que ilustra o futebol no Brasil.....	
2.2 As turbulências no caminho do ídolo.....	
3. A construção do mito.....	
3.1 O mito por definição.....	
3.2 Mito, mídia e indústria cultural.....	
3.3 O mito e o herói contemporâneo.....	
4. A mídia, o ídolo e o mito Bruno.....	
4.1 O ídolo e sua importância no futebol.....	
4.2 A mídia como fábrica de ídolos dos gramados.....	
4.3 As faces de um mito esportivo: Bruno retratado na imprensa.....	
5. Conclusão.....	
Referências Bibliográficas.....	
Anexos.....	

1. Introdução

Pesquisar e escrever sobre futebol pode ser, para muitos, tarefa das mais fáceis e até desejadas. Afinal, fala-se daquele que é considerado o esporte predileto do brasileiro e talvez o mais aclamado ao redor do mundo. Entretanto, é menos simples quando a intenção não é tratar apenas da vitória do time do coração ou zombar da derrota do maior rival. Um trabalho profundo em cima de qualquer histórico da bola exige antes de tudo atenção com qualquer mínimo detalhe que possa escapar e jogar os planos por água abaixo.

No caso da pesquisa aqui proposta, a intenção torna-se um pouco mais complexa de ser alcançada, já que envolve a análise de um personagem específico, ao mesmo tempo vencedor e polêmico, que enfrentou céu e inferno do mundo esportivo em um curtíssimo espaço de tempo. Trata-se do goleiro Bruno, que em pouco mais de seis meses entre o final de 2009 e o decorrer de 2010 cumpriu as façanhas de ser campeão brasileiro pelo Flamengo e se envolver em um caso de polícia que o levou à prisão de forma completamente inesperada.

O trabalho analisa a forma como o mito em torno do goleiro se desenvolveu ao longo dos quase quatro anos em que ele defendeu o time carioca (entre 2006 e 2010) e de que forma a mídia como um todo contribuiu decisivamente para que isso acontecesse inclusive nos momentos em que suas atitudes poderiam ser contestadas.

A importância e grande razão para a discussão em torno deste tema é, antes de mais nada, levar em consideração e tentar entender até onde vai a influência da mídia na formação do imaginário popular em relação ao futebol. Ou seja, buscar até onde o espetáculo esportivo é forjado ou modificado apenas para atender a interesses determinados. Quer-se analisar aqui quais são os valores e conceitos que esses meios estão tentando impor ou propor a partir da colocação de certos estereótipos para a apreciação constante do receptor.

Sendo assim, fica mais fácil esclarecer que a hipótese com a qual se trabalhou é a de que a mídia tem não só fabricado cada vez mais seus próprios ídolos e mitos para a degustação do público. Mas faz questão de agarrar-se a eles e tentar mantê-los em evidência enquanto for possível e viável. Não existe, por outro lado, a pretensão de entender o receptor, seja ele leitor ou espectador, como um indivíduo completamente controlado e sem nenhum poder de decisão sobre suas intenções e gostos. Mas há, entretanto, a necessidade de analisar o quanto a capacidade de ser

determinante nas escolhas das pessoas é um poder ainda muito forte dos meios de comunicação.

Essa é, na verdade, a razão pela qual foi escolhido um personagem único no meio de tantos mitos esportivos quase que instantâneos deste início de século. Primeiro por representar quase que de forma perfeita os dois extremos que um ídolo pode alcançar. Depois, por ser um símbolo da velocidade de como as coisas vão e vêm no futebol. E por último, obviamente, pela incredulidade da polêmica que envolve a questão, um tanto quanto distinta de outros casos bombásticos em que se envolveram grandes nomes do esporte preferido das massas em nossas terras.

Dessa forma, fica marcada a importância de se tentar entender aqui o discurso produzido em cima do jogador desde antes que ele se envolvesse em seus problemas de ordem policial. Tenta-se compreender os artifícios utilizados para transformá-lo nesse ídolo que posteriormente mereceria por parte tanto dos detentores dos meios quanto da massa uma boa vontade acima do normal apesar de todas as dúvidas que possam pairar sobre o caráter do atleta.

Não há como esconder também que o interesse nesse tipo de pesquisa é motivado não só pelo fato de o jogador ser um personagem importante até então para o clube de maior torcida de país, como existe ainda o interesse específico e pessoal por trás da curiosidade de compreender os meandros que envolvem a formação de um ícone na mídia. Por trás dos interesses teóricos e acadêmicos de praxe, há também a motivação de um viciado em futebol e flamenguista fanático, que buscou durante os quatro anos em que permaneceu na Escola de Comunicação uma forma de encaixar o time do coração no trabalho de conclusão. Parte da motivação vem ainda de um ano de estágio em redação de jornal, em um diário que é unicamente voltado para o conteúdo esportivo e que enxerga o futebol como sua grande vitrine. A experiência no Lance, se não definiu rumos de vida, certamente serve de inspiração para muito do que será desenvolvido nestas páginas.

A metodologia do trabalho é baseada na busca de um equilíbrio entre os caminhos teóricos e práticos da Comunicação e do Jornalismo. Fundamentalmente trata-se de uma pesquisa que abarca ao mesmo tempo três tópicos: um apanhado histórico-biográfico do elemento central da pesquisa, um aprofundamento teórico necessário para a melhor compreensão do que se quer tratar e uma inserção analítica em um campo usualmente dominado pelas práticas jornalísticas do cotidiano.

Logo, o primeiro capítulo tem como função contextualizar melhor quem é o personagem que será estudado mais adiante, registrando fatos da vida do goleiro que foram importantes para que ele ganhasse espaço no futebol a ponto de merecer a atenção da mídia. Estabelece-se aqui, é claro uma relação com a questão dos estereótipos do mundo futebolístico, discutidos tanto por autores mais voltados ao campo teórico, como Muniz Sodré, quanto a outros do universo literário que também pensaram o esporte como elemento de extrema importância para a compreensão da sociedade brasileira em diferentes épocas, como Carlos Drummond de Andrade.

O segundo capítulo, por sua vez, é aquele que tenta mostrar da melhor forma o lado teórico que envolve o trabalho e assim preparar o caminho para o desfecho da pesquisa. Fala-se então da construção de mitos, de forma geral, a partir de uma discussão inicial sobre as origens e significados do conceito. Passa-se ainda pela discussão do mito como objeto de uso da indústria cultural para transmitir ideologias que se tornaram mais suaves e aceitáveis para o grande público ao mesmo tempo em que se multiplicam nas mais diferentes versões, ainda que todas semelhantes, propagadas pelos principais veículos de comunicação.

Aqui, são discutidos, é claro, os conceitos de indústria cultural de Adorno e o de ideologia de Marx pelo ponto de vista de Marilena Chauí. A questão do mito fica por conta de Roland Barthes e Everardo Rocha, com algumas incursões por pensamentos de outros autores. Este ciclo se fecha com uma pequena tentativa de compreender o papel e o conceito do herói contemporâneo sob o olhar de Joseph Campbell.

No último trecho, chega, enfim, a hora de ver de perto, após o embasamento teórico, a forma como se dá realmente o processo de mitificação para um jogador de futebol. Antes, porém de tratar especificamente de Bruno, abre-se a discussão buscando a compreensão do que representa o ídolo para o esporte e de que forma a mídia utiliza essa importância de um ícone para garantir a perpetuação de determinados “dogmas” no futebol brasileiro. Em uma área ainda pouco explorada se comparada a sua importância, destacam-se aqui as contribuições dos textos de Eduardo Galeano, Umberto Eco e Zartú Cavalcanti para o melhor entendimento das relações entre mídia, futebol e seus ídolos.

O último ponto a ser tratado é de fato a forma como Bruno foi tratado e retratado pela imprensa desde sua chegada ao Rio de Janeiro. Entender o que ajudou a formar o mito e como os meios de comunicação reagiram não só diante dos grandes

feitos do goleiro, como também de alguns de seus fracassos. Para tanto, foram recolhidas matérias de jornais e de alguns dos sites esportivos mais importantes que fazem cobertura diária do futebol carioca.

Essas matérias são analisadas de acordo com os preceitos teóricos devidos para se tentar alcançar algo próximo à conclusão a qual foi proposta pela hipótese inicial deste projeto. Aqui, além de autores já citados em outras partes, participam de forma significativa Ricardo Milani, Richard Giulianotti e Ronaldo Helal.

Ainda que possa ser enxergada como uma parte menor e menos trabalhosa, é aqui que reside a maior questão a ser trabalhada e provada. É nas últimas páginas que se busca alcançar finalmente uma espécie de veredicto sobre a forma como a mídia trata seus heróis, mesmo quando estes se confundem com vilões. É lá também que se verá de forma mais profunda e real, exposta sem rodeios, a naturalização mítica tratada por Barthes e outros teóricos.

Isto posto, a vontade é que se tenha em mãos algo que pelo menos levante a discussão em torno desse poder midiático, seu alcance, benefícios e malefícios e como ele influenciou a visão sobre o personagem em questão. Além disso, entender como se desenvolve e de onde vem a força desse mito também é trabalho fundamental. Nestas páginas, provavelmente, as conclusões serão limitadas. O que não impede, é claro, que se possa enxergar um horizonte mais esclarecedor logo adiante.

2. Bruno: o contexto por trás da queda

O primeiro trecho deste projeto tem como objetivo maior apresentar o personagem Bruno de forma a inseri-lo no contexto social que rege o esporte nacional para a grande maioria dos atletas. A intenção é mostrar como as origens e os acontecimentos que permearam a vida do jogador até o alcance do sucesso profissional ajudaram a determinar a forma como ele agiu posteriormente em situações de clara adversidade.

O goleiro tem esmiuçados nessa parte da análise fatores familiares e de comportamento que sempre foram marcantes na vida do ex-camisa 1 do Flamengo. E que certamente influenciaram sua conduta dentro e fora de campo, tendo relação direta com os acontecimentos polêmicos que o conduziram do noticiário esportivo para o policial com apenas seis anos de carreira profissional e apesar de uma perspectiva de futuro otimista pela frente.

Faz parte também desta primeira discussão, a missão de mostrar a importância e o simbolismo que Bruno carregava não só para o Flamengo como instituição, mas, principalmente, para os torcedores, considerados como o grande patrimônio de qualquer clube de futebol. Por fim, este capítulo tenta mostrar e ao mesmo tempo narrar como essa conjunção de fatores que poderiam e até certo ponto o conduziram a grandes momentos, também ajudaram a causar a queda posterior.

2.1. A ascensão que ilustra o futebol no Brasil

O futebol brasileiro é um campo cheio de personagens marcados pela controvérsia entre paixão e comportamento. Muitos atletas carregaram durante toda a carreira a fama de “bad boys” e, mesmo tentando se desvencilhar dessa imagem, não obtiveram êxito. Garrincha, por exemplo, sempre foi exaltado pela qualidade incomparável de seus dribles. Mas até hoje se comenta a irreverência do “craque das pernas tortas” também fora de campo, principalmente pelos problemas que ele enfrentou com o álcool durante toda a vida. E isso acontecia nos anos 60, em uma sociedade com muito menos aceitação a certos costumes como a do século XXI. Mesmo assim, nunca deixou de ser idolatrado pela população, como deixa clara a frase emblemática de Nelson Rodrigues (2007, 492): “Um Garrincha transcende todos os padrões de julgamento. Estou certo de que o próprio Juízo Final há de sentir-se incompetente para opinar sobre o nosso Mané.”

Outros jogadores, já em tempos mais recentes, extrapolaram a fronteira do perigo e pararam nas páginas policiais, como o ex-atacante Edmundo, que se envolveu em um acidente de carro com vítimas fatais quando vivia uma de suas melhores fases na carreira, em 1995. A tragédia resultou em três mortes e uma eterna marca para o atacante, que mesmo com a situação superada ainda teve de encarar por muito tempo a desconfiança daqueles que o consideravam culpado.

Mas nada parece tão chocante quanto o enredo que envolve Bruno, até pouco tempo incontestável dono da camisa 1 do Flamengo, um dos maiores clubes do país e atualmente preso e acusado de participar de um crime com requintes de crueldade que poucos conseguem acreditar.

É essencial notar que a trajetória de Bruno Fernandes das Dores de Souza, mesmo que o caso do assassinato da estudante Eliza Samudio ainda não tenha sido comprovado e seu grau de envolvimento tampouco esclarecido, é marcada por algumas polêmicas desde que ele se tornou um símbolo do clube de maior torcida do Rio de Janeiro. Dá até para dizer que o número de glórias alcançadas é proporcional ao número de problemas que o goleiro teve desde que chegou ao futebol carioca, em 2006.

Bruno é mais um daqueles personagens clássicos que permeiam a história do esporte no Brasil. Nascido em 23 de dezembro de 1984 em Ribeirão das Neves, Minas Gerais, ele segue o roteiro humilde de alguns dos principais ídolos do nosso esporte. Os pais o abandonaram quando ele ainda era novo e foram morar no Piauí com o irmão, Rodrigo. E Bruno foi criado pela avó paterna, Estela, que sempre foi tratada como mãe de fato por ele. A mãe verdadeira, Sandra Cássia de Oliveira, o goleiro só voltou a encontrar em 2006, mas mesmo assim nunca conseguiu retomar os laços de forma sincera, por não ter entendido os motivos do abandono e muito menos do reaparecimento repentino. O cenário, apesar de triste e até certo ponto trágico, é aquele que, com algumas ressalvas de um caso para outro, ainda impera entre os profissionais da classe no país. Quase sempre, o grande craque que aparece é fruto de uma família pobre ou com problemas, salvo raras exceções.

Assim, se a ideologia técnica do futebol de agora tenta impor jogadores assépticos, sem paixões, fotogênicos, oriundos da classe média branca, a torcida não se mexe, não aplaude, não vibra – espera por alguém como Geraldo (já falecido), sem discurso universitário, filho do subúrbio. É este o teatro do futebol. (SODRÉ, 1984, pg. 155)

Até porque, são essas histórias que se tornam combustível para as inúmeras matérias que se espalham posteriormente pelos meios de comunicação, destacando os obstáculos que a grande maioria dos sonhadores ainda têm de superar para ser um atleta de alto rendimento no Brasil. O futebol é um nicho de onde se espera ouvir e ver a ascensão social daqueles que um dia foram parte da parcela de oprimidos e conseguiram alcançar um novo patamar de vida pelas mais variadas razões. Em uma sociedade na qual muitos ainda lutam por uma oportunidade de fazer algo diferente para “vencer na vida”, o esporte que mobiliza as massas o faz exatamente porque é um reflexo daquilo que muitos gostariam de obter, mas quase nunca encontram os meios para tanto e por isso acabam se contentando em admirar o sucesso do semelhante. Mas é mantida, é claro, a esperança de que um dia a sorte também chegará para eles.

(...) o homem humilde do Brasil já se libertou de muitas tristezas. Já tem caminhos abertos a sua frente e já sabe abri-los, por conta própria, quando não é assistido pelos serviços oficiais ou de classe a que cumpre melhorar as condições de vida coletiva. O futebol trouxe ao proletário urbano e rural a chave ao autoconhecimento, habilitando-o a uma ascensão a que o simples trabalho não dera ensejo. (ANDRADE, 2002, pg. 38)

Se Bruno reflete em seu surgimento e evolução a ascensão sonhada por milhares de brasileiros, é possível dizer que o caminho trilhado por ele após alcançar o topo é típico dos altos e baixos que refletem a dificuldade não só de se manter o sucesso. Mas também quanto à responsabilidade de ser um suposto exemplo para a torcida que o idolatra e para a própria sociedade. Cobra-se do atleta hoje em dia uma postura extremamente profissional. Por outro lado, com o crescimento da exposição da vida deles na mídia, cresce também a possibilidade de que eles tenham suas falhas e fraquezas expostas para o grande público de forma mais constrangedora. E é fácil notar que nem todos têm a estrutura necessária para lidar com esse fato.

Além disso, mesmo os maiores craques tiveram a carreira permeada por momentos grandiosos e outros nem tanto, fosse por problemas técnicos ou por lesões. Mas é óbvio que, quando a questão ultrapassa o limite das quatro linhas, fica muito mais difícil pensar em retomar o equilíbrio diante de um alicerce tão complexo de ser estabelecido. No caso do personagem central deste trabalho, logo se nota que as mudanças de astral e comportamento foram uma constante durante a carreira, mesmo esta sendo relativamente curta até então.

Bruno começou a jogar no Atlético Mineiro, em 2004, e desde muito cedo foi tratado como uma das grandes promessas do futebol nacional, tanto pela imprensa quanto por conhecedores da posição. A projeção conquistada fez com que, mesmo sem atuar durante todo o ano, ele fosse parar no Corinthians. No clube paulista, a promessa não teve muitas oportunidades, não se tornou realidade e por isso acabou negociado com Flamengo durante a temporada de 2006. Àquela época já era possível notar também que aquele que se tornaria a muralha rubro-negra nos anos seguintes ainda contava com a sabedoria popular do futebol para alcançar seus objetivos. Diz o ditado que “todo bom jogador tem de contar com a sorte”. E, assim que chegou, ele aproveitou a contusão do titular Diego para assumir a posição. Desde então não saiu mais. O que se seguiu foi uma sequência vitoriosa (entre 2007 e 2009) com a conquista de três títulos estaduais e de um Campeonato Brasileiro que não vinha para o clube da Gávea há 17 anos, o qual ele teve a honra de levantar a taça de campeão por ser o capitão da equipe.

Além da coincidência de ter chegado em meio a um período relativamente fértil para o Rubro-Negro carioca, Bruno ainda teve méritos importantes para construir sua imagem. Primeiro, porque era fundamental nas vitórias. Mostrou-se um exímio pegador de pênaltis que o consagraram e ainda serviram para aumentar a rivalidade contra o Botafogo, adversário derrotado nas três finais de Carioca. E para aumentar o prestígio, ele também parecia demonstrar sofrimento nas derrotas, como se fizesse parte da torcida. Isso destacou o predado da raça tão exigido pelos mais fanáticos.

Sua magia opera com igual eficiência sobre eruditos e simples, unifica e separa como as grandes paixões coletivas. Contudo, essa é uma paixão individual mais que todas. (...) A estética do torcedor é inconsciente; ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. (ibidem, pg. 28)

A conclusão a que se chega pode ser discutível, mas dificilmente poderá ser negada. Independentemente dos erros que tenha cometido, Bruno conseguiu deixar seu nome marcado na história do Flamengo. Primeiramente, porque apareceu no momento em que o clube já vivia uma carência na posição. Desde a saída de Julio Cesar para o futebol italiano no final de 2004, a Gávea não contava com alguém tão identificado para o gol. Diego, o antecessor de Bruno, foi quem mais defendeu a

meta do clube nesse intervalo. E apesar de ser o goleiro campeão da Copa do Brasil, nunca inspirou confiança suficiente na torcida, o que facilitou a adaptação e recepção de Bruno como ídolo na Gávea.

Há aqueles que obviamente vão questionar a comparação com Julio Cesar pelo fato deste ter sido formado nas categorias de base do clube, baseados na antiga máxima de que “craque o Flamengo faz em casa”. Julio conquistou quatro estaduais (1999, 2000, 2001 e 2004), uma Copa Mercosul (1999), uma Copa dos Campeões (2001) e ainda chegou à Seleção brasileira enquanto ainda defendia o clube. Mas só era titular absoluto nos títulos ganhos a partir de 2001. Além disso, apesar de não carregar essa responsabilidade sozinho, não conseguiu tirar o time da fila de títulos brasileiros, algo que a geração da qual Bruno fez parte alcançou.

Bruno carrega ainda a marca de ter sido talvez um dos grandes responsáveis pela fase vitoriosa que o Flamengo viveu no final da década. Mais uma vez, pode pesar contra o fato de que esta fase tenha começado um pouco antes da chegada dele. Meses antes, afinal, de ele ser contratado em 2006, o time foi campeão da Copa do Brasil, segundo título em importância nacional, o qual não era ganho há 16 anos. Participaram daquela conquista nomes como Ronaldo Angelim, Leonardo Moura, Juan e Toró, que seguiram no clube, conquistando ao lado de Bruno, todas as taças que vieram na sequência. Estes sim seriam os maiores responsáveis pela transformação, já que teriam dado início ao processo vitorioso.

Ainda assim, mesmo que eles tenham seus méritos reconhecidos pela importância que demonstraram em momentos decisivos, no imaginário do torcedor a relação é diferenciada. Juan pode ter marcado o gol do título na Copa do Brasil e Angelim no Brasileiro. Mas Bruno demonstrou ao longo das conquistas que desenvolveu uma aura diferente. Talvez pelo “simples” fato de ter defendido 15 pênaltis durante sua passagem pelo clube. Para alguns, pode até parecer pouco, mas foi mais do que suficiente para fazê-lo dono de uma performance espetacular. Foram algumas vitórias e títulos garantidos dessa forma. E o goleiro sempre deixou claro que nunca havia perdido uma disputa de pênaltis na vida.

Bruno ainda tinha um diferencial. Além de evitar gols, aprendeu a marcá-los. O primeiro, com contornos dramáticos, foi anotado em uma partida de Libertadores, contra o Coronel Bolognesi, do Peru, em 2008. O gol de falta foi importante não só por ter sido o primeiro, mas por ter garantido a vitória já perto do fim do jogo na ocasião. Depois, vieram mais três, sendo o último no clássico deste ano contra o

Fluminense, pelo primeiro turno do Brasileiro, que só não foi muito festejado por causa da derrota de 2 a 1. Como se vê, mais uma vez, ele conseguiu marcar o nome na história do clube.

2.2. As turbulências no caminho do ídolo

Mas em meio a esse percurso que pareceu ser formado só por glórias e boas notícias, Bruno também teve de enfrentar alguns percalços para se manter como um dos líderes do grupo rubro-negro; e não foram poucos. Em 2008, após uma partida em Minas Gerais, contra o Atlético local, ele e outros jogadores foram acusados de agressão por prostitutas que teriam participado de uma festa no sítio do goleiro em sua cidade natal. Apesar de ter sido o “anfitrião” do famigerado episódio, ele não teve seu nome tão arranhado quanto o companheiro Marcinho, que vivia boa fase, era artilheiro do Campeonato Brasileiro, mas deixou o clube meses após o envolvimento no caso. Já Bruno, precisou apenas resolver o problema conjugal criado dentro de casa, admitiu a inconseqüência de seu comportamento na ocasião, pediu perdão à família e seguiu com o prestígio em alta.

No início deste ano, quando o companheiro Adriano também teve uma briga íntima com a então namorada Joana Machado, ele se saiu um pouco pior no episódio ao tentar apaziguar a situação e defender o amigo. Para isso, questionou em uma entrevista coletiva “qual homem nunca havia saído na mão com a própria mulher”. A declaração soou ainda pior pelo fato de ter sido dada às vésperas do Dia Internacional da Mulher no único clube grande do país com uma representante do sexo feminino como presidente. A mandatária, Patricia Amorim, certamente não gostou, mas garantiu à época ter conversado com o goleiro para esclarecer a situação e evitar que novos deslizos do gênero acontecessem. Afinal, ela havia assumido o clube em janeiro e a princípio queria evitar conflito com símbolos de um grupo que acabara de ser campeão.

Este último caso, apesar de ter repercutido bastante, mais uma vez parece não ter abalado inicialmente a imagem de Bruno, que foi criticado, mas manteve sua posição de líder dentro do elenco após o pedido de desculpas¹. Deu-se até bastante atenção ao que Bruno falou, ele foi criticado, mas logo uma borracha foi passada no

¹ Ver Anexo I

assunto, em um fenômeno de mitificação e manutenção da ordem que é explicado por Roland Barthes:

Para isolar o valor de ordem que se quer restaurar ou desenvolver, primeiro manifestar diretamente suas mesquinharias, as injustiças que produz, as piadas que suscita, mergulhá-lo na sua imperfeição natural; depois salvá-lo apesar, ou antes, com a pesada fatalidade de suas taras. (2009, pg. 46)

O que Bruno talvez não esperasse é que um problema antigo viesse atormentar novamente sua vida. A estudante paranaense Eliza Samudio ficou conhecida do grande público pela primeira vez em agosto de 2009. Naquela época, ela deu uma entrevista para o *Jornal Extra*², na qual declarava estar esperando um filho do goleiro. De início, ele acusou Eliza de querer ganhar fama em cima de seu nome e que aquele episódio não iria afetar o progresso de sua carreira. O caso esfriou, mas ela ainda apareceu para acusar Bruno de uma tentativa de fazê-la abortar. E o bebê, ao nascer, ganhou sugestivamente o nome de Bruninho.

O título brasileiro veio, Eliza parecia ter desistido de atormentar a vida de Bruno e aparentemente tudo estava mais tranquilo para o goleiro, pelo menos fora dos gramados, até os primeiros meses de 2010. O Flamengo, ainda comandado por Andrade e ostentando o tão comentado “Império do amor” (Adriano e Vagner Love) como dupla de ataque, tinha a chance de decidir o Campeonato Carioca pelo quarto ano consecutivo. Mais uma vez o adversário era o Botafogo. Era Bruno diante do time contra o qual ele mais brilhou. Só que dessa vez o roteiro estava escrito de forma distinta e ele saiu derrotado. Talvez o prenúncio de que outras notícias preocupantes ainda estavam por vir e prometiam causar estragos.

As coisas não ficaram mais fáceis para o Flamengo desde então. A esperança estava a partir de agora completamente depositada na conquista da Copa Libertadores, jejum amargado desde 1981, com a geração de Zico e Júnior. Mas o obstáculo não parecia intransponível para um grupo que já havia superado outras barreiras, a despeito dos fracassos anteriores na mesma competição, em 2007 e principalmente em 2008, com uma eliminação vexatória para o América do México em pleno Maracanã lotado com uma derrota por 3 a 0.

² Ver Anexo II

O time avançou na competição aos trancos e barrancos, mas nem mesmo a classificação e a lembrança do título brasileiro foram suficientes para segurar o técnico Andrade, demitido logo depois. Mais um golpe até certo ponto inesperado para todos os envolvidos na situação. Bruno, se naquele momento não era o principal culpado pela fase ruim, também não vivia seus melhores dias, cometendo falhas pontuais que não faziam parte do repertório daquele que era saudado aos brados de “melhor goleiro do Brasil” pela maior torcida do país ao entrar no Maracanã.

A quem esperava que a mudança de comando trouxesse mais tranquilidade, certamente se enganou. Alguns jogadores pareceram insatisfeitos inicialmente, mas ainda precisavam buscar a taça mais importante do ano. E se, no embate dos gigantes, o Flamengo superou o Corinthians para seguir em frente em pleno ano do centenário do adversário, logo depois sucumbiu. A Universidade de Chile veio ao Maracanã, impôs uma inimaginável derrota por 3 a 2 e colocou o time em situação complicada. A vitória de 2 a 1 conquistada na semana seguinte, em território estrangeiro, não serviu para garantir a vaga e muito menos para dar tranquilidade ao grupo, abalado com mais um fracasso na competição continental.

Depois desses episódios e com a vertiginosa queda de rendimento do time campeão brasileiro em relação ao ano seguinte, a pressão sobre um dos principais símbolos também começou a pesar. Mesmo admitindo que fosse o primeiro a se cobrar, Bruno passou a ter mais dificuldades para lidar com a pressão dos torcedores, que tinham o goleiro como um dos principais alvos de insatisfação, exatamente por enxergarem ele como alguém acima da média que estava rendendo abaixo do que podia. O casamento, que sempre viveu suas crises, estava novamente abalado. Mas nada que não fosse possível superar com defesas importantes. Só que as críticas passaram a pesar mais do que o normal e Bruno deu mais uma declaração infeliz afirmando que “estava se lixando para a torcida³” e ainda ameaçou deixar o clube no meio do ano, quando se abriria a janela para transferências internacionais.

Apesar do momento de turbulência iminente, o Flamengo e principalmente Bruno teriam uma grande oportunidade para esfriar a cabeça e buscar um recomeço ainda em 2010. Ano de Copa do Mundo significa um mês de bola parada em gramados tupiniquins. Logo, uma chance única para colocar a casa em ordem, esquecer os problemas e voltar do Mundial pronto para uma vida nova. Tudo seria

³ Ver Anexo III

mais fácil, é claro, se o antigo fantasma que parecia esquecido por todos não voltasse para assombrar o jogador.

No dia 26 de junho deste ano, o jornal *O Dia*⁴ revelou que o jogador estava sendo encarado como suspeito do desaparecimento de Eliza Samudio, cujo suposto filho com o goleiro rubro-negro já teria quatro meses de idade. Em Minas Gerais, chegara a denúncia de que Eliza havia sido espancada e violentada no sítio de Bruno, curiosamente o mesmo palco da polêmica festa que também rendeu manchetes de jornais dois anos antes. O que se seguiu à revelação foi um choque geral. Pois mesmo com os comportamentos controversos e em algum ponto condenáveis de outrora, ninguém conseguiria imaginar um jogador da relevância de Bruno, inclusive cotado para fazer parte da Seleção Brasileira em convocações futuras, envolvido em um caso que tomaria tão grandes proporções. Tão grandes a ponto de tomarem conta do noticiário nacional por alguns dias, enquanto a Copa do Mundo, um dos acontecimentos esportivos mais importantes do planeta, se desenrolava na África do Sul.

Acuado, Bruno preferiu nem se pronunciar sobre o caso inicialmente, talvez com medo de que mais uma vez as palavras lhe traissem em um momento mais inoportuno do que qualquer outro vivido em quatro anos de clube. Mas mesmo assim a presidente do Flamengo, Patrícia Amorim, rescaldada pelo histórico de comportamento do jogador preferiu não esperar o desenrolar dos fatos e decidiu pelo afastamento temporário enquanto não houvesse um desfecho da situação. A justificativa foi de que nenhum atleta teria cabeça para se manter treinando e até mesmo jogando com um problema pessoal tão sério para resolver, ainda que ele pudesse ser inocentado.

A verdade é que o Flamengo estava cansado das páginas policiais. Adriano e Vagner Love, se fizeram muito sucesso dentro de campo no primeiro semestre de 2010, também repercutiram fora dele. Ambos tiveram reveladas denúncias de envolvimento com traficantes. O primeiro teve até de prestar depoimentos para esclarecer fotos polêmicas que o comprometeriam, mas nada ficou comprovado. Mesmo assim, o clube resolveu não dar mais brecha para ficar fora da editoria de esportes, decidindo pela suspensão do contrato de Bruno e ainda adicionando uma

⁴ Ver Anexo IV

cláusula de comportamento aos contratos assinados por atletas contratados posteriormente ao estouro do caso.

Começou ali o que parece ter sido o último episódio de uma história de ascensão e queda de um jogador que em quatro anos viveu momentos de amor e ódio com a maior torcida do país, mas que aparentemente também vivia em conflito constante com suas próprias decisões fora da vida profissional.

Em meio às investigações, enquanto ainda era tratado apenas como um potencial suspeito, Bruno aparentava tranquilidade e garantia que “ainda iria rir daquela história⁵”. Ele permaneceu comparecendo aos treinos e apesar de falar pouco, mostrou-se sóbrio com a situação macabra que o rondava. Só que tudo mudou de figura conforme novos personagens foram se enquadrando à situação. Versões horrendas sobre o suposto assassinato da ex-amante do goleiro começaram a se espalhar e a polícia decidiu que os principais suspeitos precisavam estar presos para não atrapalhar a elucidação do caso. Entre eles, Bruno. A partir do momento em que foi parar atrás das grades, o goleiro parece ter desmoronado aos poucos. Primeiramente, ainda atordoado, preocupando-se com a possibilidade de ficar fora da Copa de 2014. Depois, se dando conta de quanto poderia lhe custar tempo de vida e até mesmo a carreira, caso ficasse provado o envolvimento no caso. A ansiedade e o abatimento levaram até mesmo a tentativas de suicídio na prisão, segundo relatos de testemunhas.

O fato é que a indefinição e toda a polêmica que cercaram o desaparecimento de Eliza Samudio são passíveis de discussões vastas e acaloradas tanto para acadêmicos quanto para os bate-papos diários da sabedoria popular. Tanto é que a Copa do Mundo, que deveria ser o acontecimento esportivo mais comentado de 2010, atravessou o mês de junho e acabou em julho, com um campeão inédito e o Brasil mais uma vez derrotado. No calor inicial do inconformismo pela derrota, obviamente, a perda de mais uma título foi o tema central. O “caso Bruno”, entretanto, estourou alguns dias depois do início do Campeonato Mundial, tomou grande parte do noticiário fluminense no primeiro momento e pode-se até dizer que dividiu por algum tempo atenção com o evento esportivo mais aguardado do ano.

Além do mais, o Mundial se foi e, exceto comentários pontuais, pouco se falou nele meses depois. Já o ex-goleiro do Flamengo seguiu como assunto nos noticiários

⁵ Ver Anexo V

mais importantes sempre que uma novidade pintou no caso. É bom lembrar, que nem mesmo o corpo da jovem havia sido encontrado, apesar de testemunhos apontarem para a morte como inevitável, e as mais variadas teorias já tinham sido criadas para explicar, justificar, condenar ou isentar Bruno de participação na trama.

3. A construção do mito

Neste capítulo, o objetivo principal é, através de uma linha mais teórica e conceitual, explicar de que forma se dá a construção de mitos na atualidade, quando contamos com tantas fontes de informação e mal conseguimos digerir tudo aquilo que nos é apresentado diariamente. Será discutida também a forma como a sociedade é levada a acreditar nestes mitos como verdades praticamente inquestionáveis e as ferramentas de discurso e convencimento que são utilizadas para tanto.

A intenção é tratar o mito desde o seu ponto de partida, vendo como ele surge a partir dos primeiros momentos de afirmação até ver as diferentes formas que ele assume ao ser transferido para o imaginário popular. Da mesma forma, será também pensado o papel do mito em sua naturalização, tomado como conceito do senso comum e assumido assim por grande parte dos indivíduos que nem sequer param para pensar sobre os aspectos que levam às conceituações específicas.

Postas as definições gerais sobre o mito será discutido também brevemente o papel determinante desempenhado pela mídia na construção, mutação e fixação desses mitos nas sociedades atuais.

3.1. O mito por definição

Trabalhar com o conceito de mito tornou-se um desafio para qualquer um que tente analisar o termo a partir dos mais diversos significados que ele desenvolveu em nossos tempos. Segundo o Dicionário Aurélio, o mito seria um “fato, passagem dos tempos fabulosos; tradição que, sob forma de alegoria, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico; (sentido figurado) coisa inacreditável, sem realidade”. Essa seria talvez a definição mais certa para se tratar do mito como uma questão de Antiguidade, disposta a discutir, por exemplo, as sociedades grega e romana da Era clássica, nas quais os elementos mitológicos eram fundamentalmente formados por um espectro como o apresentado pelo conceito mostrado aqui.

Com o passar do tempo, entretanto, a palavra mito deixou de ter um sentido tão restrito, passou a fazer parte do cotidiano popular e atualmente se trata, ainda que de forma discutível, de um conceito muito mais aberto, como constata o antropólogo Everardo Rocha em sua discussão inicial sobre o tema:

O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido, múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias idéias, ser usado em diversos contextos. Qualquer um pode, sem cerimônia, utilizar a palavra para designar desde o “mito” de Édipo ao “mito” Michael Jackson, passando pelo “mito” da mulher amada ou da eterna juventude. O mito é também uma palavra que está em moda. Um conceito amplo e complexo por trás de uma palavra chique. (ROCHA, 1996, pg. 3)

O mito tomou para a grande maioria, o mesmo caminho que tantas outras expressões como “fabuloso” ou “fantástico”, inicialmente destinadas a explicar significados específicos daquilo que realmente enxergávamos como sobrenatural. Mas que hoje em dia são utilizadas corriqueiramente para expressar muitas vezes o que admiramos como a expressão de algo interessante. Apesar de termos um vocabulário vasto de palavras e expressões para as mais variadas situações, é sempre comum o reaproveitamento de alguns termos com uma aproximação de significado que acaba sendo assimilada com o passar dos anos e, assim, tomada como real.

A intenção aqui, entretanto, é buscar o mito em sua forma mais original, com a conceituação mais crua, restrita e, ao mesmo tempo, esclarecedora que se possa ter do mesmo. E a noção mais específica e incontestável que se tem do mito para qualquer área do conhecimento que se proponha a analisá-lo é dele como uma narrativa, uma fala. Não uma fala como qualquer outra desenvolvida pelo homem. Mas aquela que possui uma capacidade de diferenciação. Outra característica fundamental do mito é a subjetividade. Não há em sua composição um caráter que o incentive a ser direto, explícito, a se revelar por completo e sem disfarces: “O que ele afirma o faz, de toda evidência, com muita sutileza. O mito fala enviesado, fala bonito, fala poético.” (ibidem, pg. 4)

Essa apresentação carregada de simbolismo e subjetivismo que parece tornar tudo mais aceitável é um dos principais artifícios utilizados pelo mito para penetrar na sociedade, mesmo sendo uma narrativa quase sempre carregada de fatores que desafiam a realidade a qual estamos acostumados. O mito se apresenta quase sempre como algo mais belo do que aquilo que estamos acostumados a encarar no dia a dia. E exatamente por isso acaba ganhando atenção. Por aliar um ar de perfeição com uma presunção de realidade, o mito desperta o deslumbramento do inesperado. Barthes, entretanto, não crê nessa superioridade do mito em relação ao discurso natural como algo imutável. E na verdade acredita que, em algum momento, todo mito passa por um questionamento:

A retórica oficial pode muito bem cobrir e recobrir a realidade, mas chega um momento em que as palavras lhe resistem e obrigam-na a revelar, sob o mito, a opção da mentira ou da verdade. (2009, pg. 145)

A verdade é que o processo de construção e aceitação de um mito passa por um desenvolvimento complexo, que envolve não só a força de convencimento daquilo que está sendo utilizado como objeto de mitificação, mas também da capacidade de recepção e assimilação do grupo que está sendo afetado por determinado conceito. O mito não é, dessa forma, uma construção de significado que se dá em si mesma e é fechada em suas constatações. Ele possui, obviamente, uma armação bem consolidada que visa acima de tudo evitar o desmascaramento “em praça pública”. O mito é pensado como um sistema de entradas e saídas calculadas no qual geralmente um grupo seletivo é responsável por conhecer os meandros da situação. Mesmo assim, parece muito menos assustador enxergar que um objeto, ser ou conceito que passa a ser enxergado como tal não chegou a esse ponto apenas pela força do sistema pelo qual ele foi criado, como se o resto dos envolvidos fossem apenas peças descartáveis e manipuláveis dentro desse emaranhado de significações.

É fundamental também pontuar que a narrativa mítica só funciona porque é construída, na grande maioria das vezes, dentro de uma lógica pensada para fazer sentido na mente de determinado grupo ou sociedade. Nada é jogado pura e simplesmente de forma que todas as pessoas sejam apenas “zumbis” levados a crer em determinado conceito estabelecido. Em termos de fixação social, o mito funciona de forma semelhante ao senso comum. É uma idéia que acaba sendo repetida tantas vezes, até com um fundo de verdade para alguns, que se espalha facilmente e passa a ser tomada como verdade incontestável, mesmo que uma análise mais profunda tente questionar a validade do mesmo: “(...) embora o mito possa não ser a verdade, isto não quer dizer que seja sem valor. A eficácia do mito e não a verdade é que deve ser o critério para pensá-lo.” (ROCHA, 1996, pg. 6)

Mais uma vez, é preciso apelar para os estudos de Barthes para perceber qual é a real função e por assim dizer, penetrabilidade do objeto em questão. O fato é que o mito, até mesmo por sua origem, é quase sempre visto como algo enganoso e que parte de premissas falsas para se chegar a um significado dito concreto. Diz-se também que ele é uma negação completa da realidade, quando o que acontece, na verdade, é uma apropriação. O mito se aproveita de um personagem ou um fato do

real no qual haja potencial para alçá-lo a um patamar superior. Ocorre assim, uma transformação, uma sublimação no ato de compreensão dos acontecimentos. Fazer parte do universo mítico é chegar a um nível diferente de entendimento. Ser mítico é estar além da capacidade de ser compreendido. Trata-se, de uma forma muito mais misteriosa, de uma questão de percepção por parte do outro.

O mito não nega as coisas; a sua função é, pelo contrário, falar delas, simplesmente, purifica-as, inocenta-as, fundamenta-as em sua natureza e em eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação, mas de constatação. (BARTHES, 2009, pg. 235)

Pontua-se aqui também outra afirmação importante de Barthes. Ele coloca o mito não apenas como um elemento que ajuda a purificar e eliminar possíveis impurezas de qualquer que seja o objeto, mas é também responsável por dar a nova roupagem a esse objeto. Não basta apenas, por exemplo, pegar um grande personagem e eximi-lo de seus erros e incertezas de caráter, tendo a certeza de que todos vão acreditar na mudança de personalidade ou simplesmente esquecer acontecimentos anteriores. Para que ele seja mítico, para que se torne diferente dos demais, é necessário ainda que se apaguem possíveis vestígios que o liguem à imagem anterior e por isso possam ser lembrados pelo público ou utilizados como arma para uma futura desconstrução. Além disso, procuram-se qualificações que possam servir de evidência para a classificação de superioridade que se pretende atribuir.

3.2. Mito, mídia e indústria cultural

Falar de mito é, sem sombra de dúvidas, pensar nos fatores que influenciam seu surgimento, difusão e aceitação na sociedade. E fica impossível não elencar entre esses fatores, se não como o principal, o papel dos meios de comunicação como grandes responsáveis por compartilhar e espalhar mitologias ao redor do globo. É inegável o espaço e a representatividade que esses organismos sociais adquiriram no lugar público principalmente a partir da segunda metade do século XX, com a concretização da televisão como principal fonte de informação para populações de diferentes classes em países desenvolvidos ou não. Hoje em dia, vivemos uma nova revolução de informação, ainda que não massiva devido ao alcance limitado, com o crescimento da internet, que oferece uma quantidade inapreensível de conteúdos em

curtíssimo espaço de tempo, mudando a forma como as pessoas lidam e analisam os fatos mais importantes do cotidiano.

Em um ambiente tão propenso a mudanças e, por isso, mais fácil de se introduzir um conceito, nada mais normal do que o crescimento do número de mitos, assim como aumenta também a proporção de divulgação e grandiosidade que estes passam a adquirir diante da realidade. O mítico está agora muito mais perto do que se imagina, mas talvez nunca tenha sido tão complexo.

Antes de se aprofundar no desenvolvimento dos mitos pela mídia em si, é preciso apontar as condições que favoreceram o desenvolvimento dessa relação. A discussão primordial para entender o funcionamento das relações sociais se dá através da compreensão do conceito de ideologia e como ele se aplica a esta situação. Primeiramente é importante frisar que a ideologia foi um campo estudado e entendido de diferentes formas por áreas diferentes. Inicialmente, sua intenção era marcar o distanciamento da metafísica e tentar a aproximação com o real. O curioso é que a idéia proposta acabou alcançando exatamente o objetivo contrário.

(...) o ideólogo é aquele que inverte as relações entre as idéias e o real. Assim, a ideologia, que inicialmente designava uma ciência natural da aquisição, pelo homem, das idéias calcadas sobre o próprio real, passa a designar, daí por diante, um sistema de idéias condenadas a desconhecer sua relação com o real. (CHAUI, 1980, pg. 11)

A ideologia representa, portanto, um conjunto de idéias que, fundadas em uma base conceitual desvirtuada do real tenta estabelecer, ainda assim, uma relação com o que há de concreto na sociedade. O interessante é que, mesmo sendo um conjunto de significados que não condiz com o universo palpável da realidade, a ideologia consegue se firmar e se expandir para outros nichos. Isso, porém, só é possível porque a consciência em seu estado puro parte da alienação. E esse estado de alienação é utilizado para influenciar o comportamento humano.

A forma inicial da consciência é, portanto, a alienação. E porque a alienação é a manifestação inicial da consciência, a ideologia será possível: as idéias serão tomadas como anteriores a práxis, como superiores e exteriores a ela, como um poder espiritual autônomo que comanda a ação material dos homens. (ibidem, pg. 25-26)

O que se compreende daqui é que, a falta de uma consciência, seja ela individual ou coletiva que perdure na sociedade, serve como pressuposto ideal para o

desenvolvimento da ideologia. Há um vazio de pensamento a ser preenchido, esperando por alguma idéia que venha a ser colocada em seu lugar.

A partir desse pressuposto colocado, é que se estabelecem, por exemplo, as relações entre mito e ideologia. Barthes, ainda que não tenha colocado essa relação de forma explícita em sua obra, os enxerga como conceitos quase sinônimos, já que ambos se inspiram no campo conotativo para darem legitimidade aos seus discursos de ordem burguesa. Ambos levam assim, da mesma forma, à deformação de sentido, que é invariavelmente aceita dentro do social.

Os mitos não são nada mais do que essa solicitação incessante, infatigável, essa exigência insidiosa e inflexível que obriga os homens a se reconhecerem nessa imagem de si próprios, eterna e, no entanto, datada, que um dia se constrói como se fora para todo o sempre. Pois a Natureza, na qual foram enclausurados, sob o pretexto de uma eternização, não é mais do que um Uso. E este Uso, por maior que seja, precisa ser dominado e transformado. (BARTHES, 2009, pg. 248)

Logo, fica claro o papel fundamental na relação entre mídia e ideologia. A consciência é a brecha esperada para que haja o “trabalho em equipe”. A mídia, nada mais é, do que a catalisadora que qualquer ideologia precisa para penetrar no local desejado. Um meio de massa é, atualmente e já há algum tempo, a forma mais eficaz que se tem de plantar um interesse na mente de alguém. Logo, nada mais comum e previsível que os meios de comunicação ajudem a propagar ideais, é claro, de acordo com o que lhes convenha.

Para tanto, nada resume melhor o contexto do que o conceito de “indústria cultural” proposto por Adorno. O filósofo alemão criticava já em sua época, na qual ainda não existiam televisão ou internet e o cinema era o maior propagador de cultura até então, a crescente padronização das produções culturais, que, segundo ele, eram orientadas por princípios meramente mercadológicos, sem se preocupar de verdade com a variedade de conteúdos. Tudo era produzido já única e exclusivamente com o objetivo de obter lucros. E o público não reclamaria, porque estava sendo convencido de que o modelo vigente era, na verdade, o mais satisfatório. Mas o novo nada mais seria do que o velho travestido com pequenas e insignificantes alterações.

A necessidade permanente de efeitos novos, que permanecem todavia ligados ao velho esquema, só faz acrescentar, como regra supletiva, a autoridade do que já foi transmitido, ao qual cada

efeito particular desejava esquivar-se. Tudo o que surge é submetido a um estigma tão profundo que, por fim, nada aparece que já não traga antecipadamente as marcas do jargão sabido, e não demonstre, à primeira vista, aprovado e reconhecido. (ADORNO, 2002, pg. 11)

Essa simplificação de conteúdos que poderiam ser trabalhados de forma muito mais variada e até mesmo interligada gera, de fato, um empobrecimento do discurso e abre as portas para a introdução de idéias que antes exigiriam um pouco mais de reflexão por parte dos espectadores. Logo, ela ajuda também a diminuir e homogeneizar as divergências de pensamento. As discussões culturais em geral se tornam mais limitadas do que deveriam e o público, em sua função cada vez mais resumida de receber uma informação já digerida, torna-se assim um organismo mais passivo diante do objeto que lhe é oferecido.

Perde-se assim a capacidade de contestação. Subtrai-se em determinada medida - para uns mais e outros menos dependendo do grau de percepção do real - a individualidade dentro do corpo social. Reside aí outra crítica forte de Adorno, que alerta para a inexistência de fronteiras entre particular e universal a partir desse processo de homogeneização. E mostra ainda o quanto é possível se convencer de que a missão é exatamente o contrário.

A conciliação do universal e do particular, regra e existência específica do objeto, por cuja única atuação o estilo adquire peso e substância, é um sem valor porque já não se cumpre qualquer tensão entre os dois pólos extremos que os tocam: eles são traspassados por uma turva liberdade, o universal pode substituir o particular e vice-versa. (ibidem, pg. 13)

Entretanto, é em meio a esse emaranhado de possibilidades e da pretensa liberdade exposta por Adorno, que se destaca a brecha para o surgimento dos mitos. Afinal, nada melhor do que um ambiente no qual os pensamentos e conhecimentos de grande parte do público estão padronizados para se plantar uma idéia que se quer assumir com o caráter de unicidade. A situação criada pela indústria cultural facilita em muito a afirmação de personalidades que sejam tomadas como modelo de alguma coisa. Como o próprio Adorno ressalta, para tudo há o desenvolvimento de um estilo, de um modelo a ser seguido.

É exatamente enxergando essas possibilidades que alguns personagens passam a despontar como exemplos e, portanto, seguem para o panteão dos intocáveis. Para o indivíduo, por outro lado, fica ainda a impressão de que a roda gira e de que, mais

cedo ou mais tarde, acabará ele também tendo a oportunidade de mostrar seu valor e ser reconhecido por seus grandes feitos. Até seria possível sonhar, se a sociedade estivesse no comando na situação.

A sociedade civil concebida como um indivíduo coletivo é uma das grandes idéias da ideologia burguesa para ocultar que a sociedade civil é a produção e reprodução da divisão em classes e é luta das classes. Isto significa que a sociedade não pode ser sujeito da história, criando-se e recriando-se a si mesma por passes de mágica. (CHAUÍ, 1980, pg. 30)

Mas, como se pode ver, a realidade é bem diferente do proposto pelo sonho da ideologia burguesa de que todos podem ascender socialmente e serem reconhecidos. É por isso, que de tempos em tempos precisam surgir exemplos de sucesso, que sustentem o mito e ajudem os espectadores a se reconhecerem nele, sem desistir do sonho e, dessa forma, mantendo a força de persuasão da mídia.

A aparição e sucesso repentino dessas personalidades diante do grande público é uma arma fundamental para os meios de comunicação de massa, que ganham para si símbolos de credibilidade que podem ser usados repetidas vezes desde que sejam duradouros em seus efeitos. E que despontam também como instrumentos de transmissão dos mais diversos ideais. As empresas de comunicação em geral se apóiam no reconhecimento positivo do mito por parte do público para angariar um grupo que talvez não fosse alcançado simplesmente pelo conteúdo puro e simples. A comunicação é hoje uma área que zela pela representatividade de seus ícones e torce para que tão logo um deles saia de cena ou caia em desgraça, outro apareça instantaneamente para ocupar o lugar vago e seja tão bem sucedido quanto o antecessor.

O reconhecimento pela imprensa, rádio, revistas ou jornais falados atesta que uma nova personalidade despontou: alguém de opinião e comportamento bastante significativo para atrair a atenção do público. (MERTON & LAZARSFELD, 1990, pg. 115)

Encarna-se aqui a questão do fetichismo, proposta e desenvolvida por Karl Marx. A indústria cultural precisa do mito como símbolo de contentamento geral que ajudará a convencer os demais a consumir determinadas mercadorias. Se um produto adquire ares de superioridade mesmo sendo inicialmente desconhecido da massa, é porque está associado a algo que ela já conhecia anteriormente e que avaliava de

forma positiva. É essa avaliação que desperta a vontade de consumir, de ter algo mesmo que esse algo seja desnecessário para aquela situação.

Se trouxermos essa discussão para o campo específico do jornalismo e da imprensa, veremos que o dinamismo do caso não se dá de forma diferente. A notícia, hoje, nada mais é do que a mercadoria que os meios têm para atrair leitores, audiência ou seja lá o que for. Só que nesse caso, a imprensa se torna vítima do próprio sistema. Ela vive em meio ao processo de homogeneização orquestrado pela indústria cultural. E por ser parte integrante do sistema capitalista, não tem como fugir dele. Logo, o que se vê é uma semelhança cada vez maior entre os conteúdos em todos os meios de comunicação. Pode mudar o veículo, o suporte e até mesmo as bases ideológicas que norteiam cada um. Mas por medo de obter menos repercussão, ser menos reconhecido e com isso perder lucros, que é o que realmente importa, os veículos se vêem na obrigação de aderir ao mesmo procedimento.

Nesse ponto se insere o mito para não sair mais. Com a imprensa estagnada, sem mobilidade e precisando de um mínimo diferencial que seja, é sempre ele o responsável por trazer “o algo a mais”. Ainda que seja uma diferenciação travestida da verdade, parece ser melhor do que nada. Novamente, o que vai contar, é ter por perto alguém que sirva sempre como novidade, apesar de ser um velho conhecido. Repetem-se aqui ensinamentos da indústria cultural, mas agora em uma situação distinta. Estes personagens alcançam uma projeção nunca antes imaginada. Só não se tornam deuses porque sempre há alguém para localizar exatamente seu local de origem na Terra.

O mito é, como costuma dizer a sabedoria popular, a “salvação da lavoura”. Quando não há sobre o que falar, quando o dia não é inspirador, é ele quem suscita as análises mais apaixonadas. Quando o mito se confirma, brilha, faz algo sobrenatural que confirme seu caráter fabuloso, é saudado por todos aqueles que esperavam, ansiosamente pelo momento em que poderiam enchê-lo de glórias. E erram aqueles que pensam que um deslize do personagem mítico seja, na verdade, um dia infernal para jornais, revistas e afins. Erram também aqueles que pensam que o deslize é necessariamente o momento da queda, que não há mais volta.

Quando cai, o mito busca, na maioria das vezes, forças para se levantar, para não se render de vez. E encontra na imprensa o apoio ideal para fazê-lo. Afinal, esta não quer perder seu símbolo, aquele que lhe garante as melhores pautas, os melhores assuntos, as melhores declarações. Um precisa do outro para continuar existindo, se é

que se pode colocar dessa maneira a questão. A queda de um mito é, na realidade, uma oportunidade para humanizá-lo. É a chance ideal para aproximá-lo de um contexto mais crível e com isso diminuir as chances de uma desconstrução. Quase sempre, a queda do mito, o ódio, a repulsa, a insatisfação e outros sentimentos que ela pode produzir são características que servem para torná-lo mais forte. Passa a ser um mito diferente, naturalizado, ainda mais parecido e ao mesmo tempo ainda mais distante de ser verdadeiro. O perigo maior seria na verdade, a indiferença alheia, a perda do poder de convencimento e de causar reação no outro. É tirar dele exatamente o poder de ser subjetivo e influenciar assim a subjetividade alheia. “A melhor arma contra o mito talvez seja mitificá-lo a ele próprio e produzir um mito artificial, e este mito reconstituído será uma verdadeira mitologia.” (BARTHES, 2009, pg. 227)

3.3. O mito e o herói contemporâneo

O que se vê atualmente na sociedade, independentemente dos meios em que se circula, é um processo de “mitificação institucionalizada”. Talvez pela facilidade encontrada para se criarem grandes símbolos sociais ficou cada vez mais simples e até descarado colocar no papel de superioridade algum objeto ou criatura. Defenda-se aqui também que os meios para a propagação de idéias e fixação de verdades também se diversificaram e expandiram por lugares onde antes nem era possível imaginar. Mas existe também uma boa vontade não declarada e em certo ponto conveniente com aquilo que é mitificado. De formas que na maioria das vezes nem enxergamos, quase tudo à nossa volta é passível e vive por mitos. Não cabe aqui julgar se isso é bom ou ruim em determinada medida, obviamente. Mas a constatação é de que hoje é muito mais fácil ser mito, na medida em que este se trata de uma simbolização difusa e não muita clara, como já foi tratado anteriormente.

O mítico, em seus primórdios, sempre foi algo superior, inalcançável, que tratava dos grandes feitos de um povo, que só eram possíveis àqueles que recebiam a dádiva de serem considerados heróis. Ser alvo de uma narrativa mítica ou heróica era, de verdade, para poucos. A grande questão é que a escolha de um herói, apesar de atributos como honra, força e coragem sempre serem destacados como importantes, era algo subjetivo. Campbell assinala que a mitologia do herói é inspirada, na verdade, em algo que se encontra guardado no intrínseco do homem, apenas esperando o momento certo de despertar. Algo que de forma simplificada,

parece estar à disposição de toda e qualquer criatura humana. Mas que poucos conseguem traduzir em heroísmo prático e fora dos idealismos sociais: “(...) o herói simboliza aquela divina imagem redentora e criadora, que se encontra escondida de todos nós e apenas espera ser conhecida e transformada em vida.” (1996, pg. 20)

Hoje, entretanto, ainda que continue sendo um ser bastante distante da realidade vivida pela maioria da população e sua representação seja bastante distinta de como era na Antiguidade, o herói é, de alguma forma, aproximado de seu povo por meio de mecanismos que supostamente eliminam as barreiras. Mas estão em grande parte sob controle de um pequeno grupo que funciona como manipulador da massa. O herói passa a ser mostrado como um ser humano comum, que é apenas dotado de características especiais, que poderiam ser atribuídas a qualquer um. Os próprios feitos heróicos já são menos miraculosos do que antes. Não há mais alguém que tenha grandes poderes e seja capaz de executar façanhas pelo poderio físico e intelectual. O herói perdeu um pouco de sua aura de especialidade e unicidade no meio do povo. Mas é, em resumo aquele que pode fazer de forma um pouco melhor aquilo que todos os outros já sabem fazer.

A moral capitalista ensina que o herói atual é o herói do esforço, da luta para alcançar os objetivos. É, sobretudo humanizado. Seus grandes feitos agora podem ser exaltados em tempo real. Mas suas fraquezas também estão cada vez mais expostas, de modo a torná-lo alguém mais próximo da realidade vivida pelos reles mortais que não tiveram ou simplesmente ainda não encontraram a oportunidade de se consagrarem.

A contemporaneidade mostra o herói como vítima do contexto em que se insere. Se ele é, enfim, cercado por glórias, festejos e condecorações, passa também por momentos de baixa. E se antigamente a queda representava um aprendizado para outro triunfo, agora esse desfecho não é garantido. Para alguns, cair significa que não há volta. As atribuições costumam pesar positiva e negativamente. A questão é como o herói, desprovido de superpoderes vai lidar com cada uma, já que o corpo social costuma dar muito mais atenção no segundo caso.

Essa linguagem universal reforça a psicologia dos que mandam: permite-lhes sempre tratar o outro como um objeto, descrever e condenar ao mesmo tempo. É uma psicologia adjetiva, sabe apenas prover suas vítimas de atributos, ignorando tudo o que diz respeito

ao fato fora do culpado, em que o faz entrar a força. (BARTHES, 2009, pg. 53)

4. A mídia, o ídolo e o mito Bruno

Após a contextualização e aprofundamento teórico desenvolvidos nos capítulos anteriores, esta última parte da discussão sobre o personagem escolhido tem como alvo analisar a relação da imprensa com o goleiro Bruno. Será mostrado aqui como os atos do jogador tanto dentro quanto fora de campo foram utilizados pelos meios de comunicação como forma de manutenção de uma imagem que era importante para os dois lados da moeda.

Pensa-se aqui também a posição do ídolo futebolístico em posição de destaque e obrigado a cumprir com determinados padrões sociais aos quais nem sempre ele está acostumado pela mudança de vida repentina. Por fim, e como momento mais importante do trabalho, estabelece-se a relação entre o momento mais complexo da carreira do goleiro, com denúncias e prisão, e o comportamento da mídia, que tem diante de si o desafio de reconstruir um mito para que este não seja completamente esquecido. E ainda sirva como objeto de não de adoração, pelo menos de discussões sociais, políticas e filosóficas que possibilitem, entre outras coisas, audiência de televisão e venda de jornais e revistas.

4.1. O ídolo e sua importância no futebol

É praxe dizer e praticamente ninguém vai discordar que o futebol vive de gols. Tanto é assim que de tempos em tempos, se a quantidade de gols nos campeonatos diminui sistematicamente, alguém trata de criar uma bola nova ou surgir com uma regra que facilite a emoção mais esperada do esporte. Ainda assim, também é inegável a necessidade que o futebol tem de criar e cultivar ídolos a todo o instante. Claro que esse é um predicado destinado à maioria das atividades esportivas acompanhadas por um grande público. Mas com o futebol a dimensão parece ser muito maior, dada a quantidade enorme de garotos com 16 ou 17 anos que hoje em dia já são colocados para jogar com a pressão de ser um novo craque.

A pressão toma proporções ainda maiores quando se fala de Brasil. Um país vencedor, dentre outros títulos, de cinco Copas do Mundo, com torcidas de clubes apaixonadas e sedentas por títulos ano após ano. Torcedores que são, aliás, parte

fundamental para alimentar essa insaciável vontade por grandes ícones. Para aquele que se vê fora de campo, às vezes na arquibancada, mas que gostaria de estar lá para ajudar o time, o grande jogador é, na verdade, a maior representação dos momentos de êxtase vividos nas vitórias. É como se o craque do time fosse uma extensão de sua vontade.

(...) o ídolo esportivo pode simbolizar o herói, vencedor das batalhas, como se salvasse alguma coisa ao praticar atos de coragem via sua luta contra o “adversário” que se transforma em dele (o espectador) contra seus conflitos pessoais. Ou seja, o indivíduo identifica-se no e com o ídolo como se o mesmo o representasse numa ação simulada, embora real e ao mesmo tempo fictícia. (CAVALCANTI, 1999, pg. 251-252)

Essa consonância entre os responsáveis pelo espetáculo e seus principais admiradores é de fato uma das condições essenciais para que o esporte funcione como espetáculo de massa. O torcedor sem ídolos, sem grandes figuras, perde em grande parte suas razões para ir ao estádio, para acompanhar as partidas pela televisão, pelo rádio ou qualquer outro veículo. O clube, por outro lado, depende da presença da torcida para manter seus craques com salários pagos, para dar boas condições de treino, entre outras garantias. Vive-se dessa forma em um círculo de alta sensibilidade, no qual o desequilíbrio ou insatisfação de qualquer uma das partes pode ser prejudicial para a imagem já lapidada de uma instituição.

A mitologia dos atletas é um dos fenômenos da psicologia social mais importante do nosso tempo. O atleta é um poder, uma elite. (...) É capaz de dar uma solução econômica ou administrativa a um clube ou a um esporte. Ou um fracasso. No êxito ou na derrota é um exemplo. Para ser seguido ou abandonado. Há, popularmente, uma auréola de feitiço em torno do ídolo. De certa forma, o prestígio de um esporte pode estar dependendo da presença de um ídolo. (CAVALCANTI apud Simões, 1973, pg. 190-191)

Pelo lado do atleta, marca-se aqui também o fato de que ele, como figura simbólica do clube, vive em constante conflito com aqueles que o idolatram e que esperam ver nele refletido o espectro de infalibilidade que se costuma cobrar do herói. Recheado de momentos decisivos, o futebol é um esporte que não pode prescindir de um herói ou um ídolo. O problema é que, geralmente, alguns momentos

que poderiam ficar marcados o deixam de ser porque alguém falha. E o país mais festeiro para com os vencedores costuma ser também o mais cruel com os perdedores.

O ídolo é, nesse emaranhado de incertezas, aquele que parece ser imprescindível para que o espetáculo se desenrole da maneira que todos esperam. O problema é que em um tempo no qual ídolos são fabricados quase que como em uma linha de montagem industrial, fica muito mais fácil descartar aquele que falha em um momento importante, mesmo que já tenha sido herói de tantas outras conquistas. Um pequeno desliz é mais do que suficiente para taxar o antigo intocável como velho, artigo de museu, “aposentável” e outros termos menos dignos de nota. Ídolo no futebol atual é, antes de qualquer coisa, passageiro.

Mas o ídolo é ídolo apenas por um momento, humana eternidade, coisa de nada, e quando chega a hora do azar para o pé de ouro, a estrela conclui sua viagem do resplendor à escuridão. Esse corpo está com mais remendos que roupa de palhaço, o acrobata virou paralítico, o artista é uma besta (...). Às vezes, o ídolo não cai inteiro. E às vezes, quando se quebra, a multidão o devora aos pedaços. (GALEANO, 2004, pg. 14)

4.2. A mídia como fábrica de ídolos dos gramados

Se o futebol só sobrevive graças aos ídolos e estes se propagam com extrema facilidade é porque existem atualmente os meios necessários para que esse fenômeno ocorra. E aqui já foi discutido o papel fundamental que os meios de comunicação possuem na propagação e fixação de mitos. Com o futebol certamente não é diferente. Sem ter quem divulgasse seu trabalho para um público mais amplo, os jogadores, os clubes, enfim, todo o universo do esporte estaria limitado àqueles que se envolvem diretamente com o acontecimento, sejam até mesmo torcedores presentes no estádio ou apenas os dirigentes.

Com a presença da imprensa, principalmente, surge uma nova dimensão do agir futebolístico. O ídolo deixa de ser o que é simplesmente pelo que faz dentro das quatro linhas. A forma como ele é representado nas páginas de jornais e nas matérias de televisão ou rádio passam a ser um ingrediente essencial para formular a visão que a sociedade terá do mesmo. Qualquer declaração mal dada ou até mesmo mal interpretada serve de munição para críticos ferozes.

Não basta o ato heróico em si, de forma isolada – no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói tem que preencher outros requisitos – tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo – para se firmar no posto. (HELAL, 2003, pg. 23)

O contexto em que uma fala está inserida muitas vezes deixa de ter importância para que se garanta o “furo” do dia. O futebol deixa nesse ponto o caráter esportivo e entra em um contexto muito mais moral e social. A discussão foge assim do viés que deveria nortear a prática do desporto e contribui para a noção de que este nada mais é do que mera representação do real.

(...) o futebol, mais do que mero esporte, tende hoje a transformar-se num grande espetáculo de massa. No caso brasileiro, ele se afigura, sob o véu da classificação esportiva, como uma prática política teatralizada. (SODRÉ, 1984, pg. 140)

Nesse ambiente extremamente dominado pelos conteúdos editados por meios de comunicação de massa, nada mais normal do que o surgimento de ídolos em massa e para a massa. O futebol, cada vez mais tratado como mercadoria, é a evidência máxima de uma construção da realidade. Garotos de 15 anos já aparecem na televisão e ninguém tem certeza se um dia eles serão realmente bons. Depois, quando aquele mesmo garoto, por algum motivo, não consegue emplacar na carreira, poucos procuram saber o porquê.

O insucesso do desconhecido no futebol raramente dá ibope. É preciso estabelecer uma ligação com o público para que este ao menos sinta falta quando um ídolo por acaso desaparecer sem deixar vestígios. Aí sim é chegada a hora de resgatá-lo, tirá-lo do limbo e dar ao pobre coitado pelo menos uma última chance de brilhar. Porque até mesmo na desgraça a parceria entre futebol e mídia pode encontrar momentos de rara beleza. Trata-se apenas de uma questão de uma questão de convencimento do público alvo, do reconhecimento positivo dos valores propostos por meio de determinado conceito construído pelas duas partes: “A construção do mito é muito bem realizada pela mídia e pelo esporte, os dois trabalham com o mecanismo da massificação e, desse modo, constroem e o valores culturais e impõem outros. (CAMARGO, 1999, pg. 71)

A imprensa esportiva continua exaltando e vivendo do sucesso de grandes nomes. O questionamento gira em torno do fato de que esse sucesso se dá em um terreno ao mesmo tempo precoce e efêmero. Poucos são aqueles que conseguem

manter-se no topo ou pelo menos digno de nota depois dos 30 anos a menos que sejam muito acima da média jogando bola ou exercitando o marketing pessoal. Parece haver uma avidez por novidade. Alimentada pela mídia, é claro. Que o futebol sempre foi reflexo da sociedade, ainda mais se tratando de Brasil, é um fato do qual ninguém discorda. Mas talvez nem todos imaginassem que a idéia do espetáculo seria vendida e aceita com tanta facilidade.

O que percebemos na mídia é a espetacularização do futebol. O esporte no século XX passa por uma transformação importante. É assimilado pelas massas; é apreciado como espetáculo, através das imagens veiculadas pela televisão. É um fenômeno produzido com as mais altas tecnologias criando a beleza do gesto técnico, buscando a imagem mais que espetacular, mas tornou-se também um grande negócio, econômico e ideológico. (ibidem, pg.74)

Agrega-se como valor a esse poder de convencimento da mídia as estratégias utilizadas para mostrar determinado atleta como “ser superior”, como aquele que despontou do meio do povo para ser o herói de um time e, conseqüentemente, de uma torcida. Inserem-se nessa categoria, principalmente, matérias das vésperas de partidas importantes, como clássicos ou decisões de campeonatos. São momentos em que a consagração está muito próxima e em que se encontra a hora ideal para contar a história de vida de um astro dos gramados. Pode ser o momento também de relembrar grandes feitos que o mesmo já tenha realizado.

O jogador de futebol é quase um super-herói. Que realiza milagres dentro de campo e pode até tê-los feito fora dele. É só uma questão de tempo até que alguém descubra. Afinal, só o fato de lutar contra o mundo, superar obstáculos e ser um dos poucos a superar a barreira entre estar esquecido e ser um jogador já é motivo para acreditar que este homem seja capaz de coisas maiores.

Quanto mais a mídia atribuir aos “nossos heróis” o poder de salvar o Brasil, (...) mais se estará reforçando o mito. O mito do herói que projeta e representa o ideal de sucesso, de glória, enfim, de vitória. Ainda que se viva o caos social. O herói no futebol é mito, na medida em que se constitua na própria representação da jornada do “humilde” que, contra e apesar de tudo, impõe seu talento ao mundo, vingando-se! (CAVALCANTI, 1999, pg. 258)

É claro que não se trata aqui de demonizar a imprensa e os meios de comunicação e colocar clubes e jogadores como anjos usados da história. Estes, também munidos de interesses os mais variados estão inseridos na engrenagem que faz o futebol funcionar e trabalham de bom gosto para a boa manutenção do esquema

proposto desde que nada lhes desagrade em excesso. A influência midiática pode ser e definitivamente é grande sobre os rumos do esporte mais amado no país e não seria diferente no que diz respeito ao reconhecimento dos grandes ícones. Mas daí a negar que haja uma parceria que satisfaça a todos os envolvidos, seria mais complexo. A mídia é responsável, de fato, por transformar a visão que se tem do jogo de futebol como um todo, o que acarreta, no fim das contas, com a mudança de ótica sobre o jogador, que é a principal garantia da existência do espetáculo que se quer vender.

Mas o atleta enquanto monstro nasce no momento em que o esporte é elevado ao quadrado: isto é, quando o esporte de jogo ou que era jogado em primeira pessoa, se torna uma espécie de discurso sobre o jogo, ou seja, o jogo enquanto espetáculo para os outros, e depois o jogo jogado por outros e visto por mim. O esporte ao quadrado é o espetáculo esportivo. (ECO, 1984, pg. 222)

4.3. As faces de um mito esportivo: Bruno retratado na imprensa

Chega-se aqui, finalmente, ao momento mais importante da análise proposta, que é entender como a imprensa esportiva carioca tratou o goleiro Bruno desde sua chegada e transformação em ídolo no Flamengo. Passando, é claro, pelas polêmicas nas quais ele se envolveu no meio do caminho e que culminaram com a explosão do caso Eliza Samudio, tornando-o um dos personagens mais comentados do meio esportivo em 2010 apesar de ter ficado fora de atividade praticamente durante a última metade da temporada.

É objeto também desta análise entender como o mito ao redor do goleiro foi imaginado e construído. E como se deram as reações da mídia principalmente nos momentos em que Bruno se envolveu em situações de cunho duvidoso do ponto de vista moral que criaram um abalo na caricatura do ídolo já tida como senso comum para grande parte dos que acompanham o esporte com maior frequência. Situações essas que demandam posteriormente um reforço de imagem que só é possível graças à força e aos mecanismos de convencimento dos meios de comunicação.

É preciso destacar que, se chegou ao Flamengo em 2006 e logo garantiu status de grande jogador, os primeiros passos de Bruno não prometiam ser tão simples, apesar da recente carência de ídolos que assolava o time que tivera Zico e Romário. O novo camisa 1 chegara em um momento em que o clube, apesar de ter sido campeão recentemente da Copa do Brasil, vinha mal das pernas no Brasileiro. No dia

seguinte à apresentação do goleiro, o *Globo*⁶ abria o assunto dando destaque à “república do pão de queijo” que se formava na Gávea, já que o técnico Ney Franco trouxera para a Gávea vários jogadores oriundos do futebol mineiro. Bruno, assim como o atacante Jajá que foi apresentado junto com ele era mais um para engrossar a lista. Só que ele estreou no time titular dois dias depois de chegar para não sair mais. Em breve, já teria o status que poucos estão aptos a alcançar em tão pouco tempo de carreira. E ele, como a grande maioria daqueles que chegam ao auge na classe, tinha todas as características necessárias e já conhecidas do estereótipo de um jogador de futebol para não ficar só como um “simples” ídolo de torcida. Mas virar rapidamente um dos “queridinhos” da imprensa esportiva.

Os ídolos transformam-se em referencial para os fãs, já que eles conseguiram “sair do nada” e vencer na vida, ultrapassando obstáculos, quebrando recordes, vencendo limites. Neste sentido, o fã admira, idolatra e deseja se espelhar no seu herói, já que há certa identificação entre os dois. A característica mais veiculada e explorada pela mídia é o fato de o jogador ter sido pobre, ser um sonhador, um lutador e alguém que conquistou o que almejava (...) (BORELLI, 2001, pg. 12)

Como deixa claro Borelli, existe este crescente interesse da mídia em seus veículos distintos por essas representações que sejam capazes de emocionar o leitor, ouvinte ou espectador. A aproximação pelo sofrimento seria assim a melhor forma de tornar um mito naturalizado, mais próximo do real e, portanto, ainda mais aceito e mitificado diante da sociedade que o cerca e deveria desvelá-lo. É curioso notar que hoje em dia não necessitamos mais dos mitos única e exclusivamente para reconstituir o passado e gravar os grandes feitos de um homem ou de um povo.

O mito é uma narrativa que passou a ser contemporânea ao real e que, no caso do evento esportivo, toma proporções extremamente exageradas. Exatamente por se propor mais humano, é que o mito exige o sobrenatural para curiosamente seguir existindo em sigilo e consenso com o real. E quando se propõe o agir além do humano, o mito pede a glória, a satisfação de um dever, de uma missão. É o elemento sem o qual o processo de mitificação não está completo. É como se o reconhecimento pleno de que a verdade proposta no mito só pudesse ser aceita a partir de uma demonstração de sucesso que cause impacto e tenha alcance maior do

⁶ Ver Anexo VI

que outros feitos. A compreensão e recepção deste mito, por exemplo, é capaz não só de decifrar a ele próprio, mas também ao grupo social ao qual ele foi submetido.

O mito é, pois, capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção de existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca. Isto é possível de ser investigado tanto pela análise de um único mito quanto grupos de mitos e até mesmo da mitologia completa de uma sociedade.
(ROCHA, 1996, pg.5)

E dentro desse contexto teórico, o primeiro grande momento de glória do goleiro Bruno veio quase na metade de 2007. Na final do Campeonato Carioca, quando ajudou o clube a bater o Botafogo nos pênaltis pela primeira vez, ele foi saudado como milagreiro por grande parte da imprensa, assim como a maioria dos homens do gol que brilham em uma disputa da espécie. Ao lado da torcida, sempre exaltada como fator importante em momentos decisivos, ele foi apontado com justiça como o grande responsável pela conquista e começou a escrever seu nome na galeria dos grandes campeões do clube. O *Globo*⁷ saía após o título com a impactante manchete: “Na força da arquibancada e nas mãos de Bruno”, ressaltando o papel dele na conquista.

O fato é que, como se costuma dizer que no futebol, caminha-se da euforia à tristeza em questão de pouco tempo. E o goleiro, considerado o artista mais solitário do jogo, é também aquele que sofre as maiores alegrias e frustrações com as intempéries da bola, que pode lhe consagrar ou lhe entregar em uma mesma partida. E o fato nunca passa despercebido pela crítica e muito menos pela opinião pública.

Ser goleiro é estar pronto para viajar do céu ao inferno em ida-e-volta, várias a várias vezes, todas sem escalas. Passar o jogo todo fazendo defesas espetaculares e colocar tudo a perder ao sofrer um gol no minuto final que signifique a derrota de sua equipe. Ou então sair de campo como herói, carregado nos ombros ao defender um pênalti. (GUILHERME, 2006, pg. 13)

Fica mais clara a partir de 2008 essa relação dúbia do goleiro com o sucesso na carreira de Bruno. Não só dentro, mas também fora de campo. Em abril daquele ano, o goleiro entrou para a história por ter sido o primeiro jogador da posição a marcar um gol de falta com a camisa do Flamengo, seguindo passos de outros grandes nomes da posição como o paraguaio Chilavert e o são-paulino Rogério Ceni. Mais

⁷ Ver Anexo VII

uma vez, ele alcançara um patamar diferenciado e o *Globo*⁸ abria a matéria do dia seguinte ao feito com o trocadilho “Goleiro bate falta com a mão”, dando os méritos da apertada vitória que só começou a ser construída após o gol do camisa 1.

Até aquele momento, com quase dois anos de clube, Bruno tinha muito mais erros do que acertos dentro de campo e já conquistara uma legião de fãs entre os exigentes torcedores rubro-negros. A mídia, é claro, não deixava de exaltar os feitos do goleiro, que agora além de grandes defesas, também marcava gols e assim acrescentava mais um ingrediente tratado como diferencial na fórmula para se tornar um mito sem contestação. Tornava-se, assim, garantia de manchetes de jornais e chamadas de televisão com apelo total do público alvo.

(...) o show não pode prescindir do ídolo sob pena de comprometer o seu próprio sucesso e, portanto, os interesses de seus idealizadores. Portanto, o principal protagonista do espetáculo desportivo, que é contemplado e consumido pela sociedade, expressa, simboliza e canaliza emoções e representações, enfim, comunica-se com ela que se constitui na razão da própria existência dessa versão desportiva. (CAVALCANTI, 1999, pg. 251)

Só que naquele mesmo ano a maré passou a ter também seus momentos de baixa. Bruno envolveu-se pela primeira vez em uma polêmica de grande repercussão que o levou a ser notícia por causa de acontecimentos fora do futebol. A festa no sítio do goleiro com a suposta participação de prostitutas após uma partida contra o Atlético Mineiro foi alvo de críticas generalizadas por parte de torcida e imprensa. O episódio acabou ganhando maiores proporções pelo fato do atacante Marcinho, um dos envolvidos, ter sido acusado de agredir uma das garotas de programa presentes ao famigerado evento. Bruno, apesar de ser o dono do sítio, só apareceu para pedir desculpas à família e reconhecer seu erro. Ali, ele dava mostras de que era possível cometer deslizes sem chamar tanto a atenção de forma negativa e continuar sendo idolatrado pelas mesmas pessoas de antes.

O acontecimento, entretanto, não passou em branco pela imprensa, que já enxergava os prejuízos futuros que poderiam sobrar para o time. À época, o Flamengo liderava o Campeonato Brasileiro e o *Globo*⁹ saiu mais uma vez com uma manchete insinuante para a matéria sobre o fato. “Líder em zona de risco” alertava

⁸ Ver Anexo VIII

⁹ Ver Anexo IX

para os perigos de um fato extracampo aparentemente desnecessário e fora dos planos ser passível de atrapalhar os planos do clube que lutava para ser campeão. Coincidência ou não, o Flamengo caiu de rendimento e terminou o campeonato apenas em quinto lugar, perdendo inclusive a classificação para a Copa Libertadores, que era dada como certa até pelo mais pessimista dos aficionados.

Outro fato curioso é que, apesar de este episódio não ter representado muito para Bruno naquele momento, hoje ele recebe uma análise totalmente diferente. Qualquer retrospectiva sobre a carreira do goleiro após a revelação do caso Eliza Samudio que enumera as confusões e polêmicas nas quais o jogador se envolveu, cita o caso do sítio como o primeiro alerta. Na verdade, apesar de ser um grande jogador, Bruno passou a ser visto também como um sinônimo de um problema que clube, imprensa e outros profissionais da área não foram capazes de enxergar a tempo de evitar que o pior acontecesse. Nota-se, claramente, que a visão da mídia sobre o mito pode mudar de acordo com a conveniência do caso em questão. Mas em geral, como será visto adiante, há sempre uma operação de resgate por trás da crítica pura e simples.

Após o caso polêmico de 2008, por exemplo, Bruno, seguiu tranquilo, apesar de não ter passado por grandes momentos. Mas em 2009, ressurgiria para viver aqueles que seriam os melhores momentos da carreira, ainda que com alguns percalços. Foi nesse ano que Bruno brilhou pela segunda vez em uma decisão de Estadual e novamente estampou as capas de jornais por seus feitos em disputas de pênaltis. O jornal O Dia¹⁰, na matéria do dia seguinte à decisão, colocava Bruno já dois passos a frente do então tricampeonato. Falava no jogador como futuro goleiro de Seleção brasileira e numa possível transferência dele para o futebol europeu no meio do ano. Depois, apresentava com mais detalhes à torcida, na edição posterior¹¹, aquele que era o considerado o “capitão de um time de heróis”. Bruno alcançara um status enorme com a imprensa em menos de três anos de Flamengo. O mito estava mais do que pronto.

Para completar a odisséia de sucesso, Bruno ainda seria o capitão do título brasileiro no fim do ano, com mais alguns pênaltis defendidos. Eliza Samudio também ganharia espaço na imprensa pela primeira vez naquele ano. Mas não causou

¹⁰ Ver Anexo X

¹¹ Ver Anexo XI

tanto escândalo talvez pelo fato de muitos já estarem acostumados com os desvios de comportamento do meio futebolístico. Além disso, ganhou muito mais peso na ocasião a negação de Bruno, que afirmou que a garota “estava buscando 15 minutos de fama”. Mais uma vez, aparentemente o goleiro saía por cima da confusão, já que aparentemente não era possível provar seu envolvimento.

O problema em questão a partir daí é que as atitudes do atleta fora de campo começaram a ficar bastante em evidência. Bruno chegou até a ser acusado, em fato que não ficou comprovado, de ter se envolvido em uma briga com torcedores do Fluminense em um bar. Por todas essas polêmicas, o goleiro passou a ser mais vigiado por suas declarações e atitudes. Passou também a ser mais cobrado pelos torcedores, que viraram fiscais do comportamento do jogador. E qualquer falha passou a ser vista como consequência da falta de foco no futebol.

A imprensa, obviamente, também não perdoava. Afinal, o mito em crise também vende jornal. Explorar a queda, o mau momento, as dificuldades de se manter no auge, faz parte da cobertura esportiva. Tudo isso, é claro, guardando as devidas proporções, já que não se pode comprometer a imagem do ídolo por inteiro. O jogador, principalmente o craque polêmico vive, na verdade, o tênue equilíbrio entre a exposição necessária e o marketing dos excessos. Ele não pode correr o risco de sumir do mapa, ficar fora de eventos, festas e ser esquecido pelas luzes das câmeras e o áudio dos gravadores.

Por outro lado, precisam também tratar da transmissão de uma imagem positiva junto a um público que se mostra também diverso. Além disso, o atleta é cada vez mais cobrada não só por uma questão de princípios que prejudiquem a ele mesmo. O nome e a marca do clube de futebol, tidos como “proprietários” do jogador, também são afetados tanto positiva quanto negativamente. E não é preciso lembrar que existem uma gama de patrocínios que também podem desaparecer de uma hora para outra se o “mecenas” cismar que sua marca não está tendo a exposição da forma que gostaria quando o acordo foi firmado.

Fora do campo, os jogadores devem alcançar também um cuidadoso equilíbrio entre o carismático e a retidão moral. A vida privada dos craques é monitorada incessantemente pelos meios de comunicação de massa. Reportagens sobre comportamento exagerado, em matéria de bebida, briga ou sexo, podem manchar suas relações de mercado com o público “de família”. Por outro lado, se os jogadores não aparecem regularmente nas páginas sobre a “vida noturna” dos jornais e revistas, podem adquirir uma

personalidade pública “entediada”, enfraquecendo a venda dos produtos de que fazem propaganda. (GIULIANOTTI, 2010, pg. 156)

O mito Bruno vivia, também com a imprensa, uma relação de amor e ódio, sendo exaltado e criticado por seus atos de acordo com o julgamento de heroísmo ou infantilismo que eram atribuídos aos mesmos. Mas o fato é que nada mexeu mais com a imagem dele e com a atitude da imprensa do que a notícia do possível envolvimento do goleiro no assassinato de Eliza Samudio, que havia aparecido e sumido com a mesma velocidade na mídia alguns meses antes. O caso agora era literalmente de polícia e a imprensa se via em uma situação difícil, incapaz de defender o mito que até então havia cometido falhas socialmente perdoáveis.

O enredo, ainda sem total esclarecimento, com possibilidades de tortura, ameaças e uma morte cruel contrasta totalmente com as grandes defesas que Bruno costumava operar dentro dos gramados. Essa era, talvez, a queda definitiva do ídolo, que foi acusado e parou na prisão, voltando ao universo dos comuns de forma ainda pior da qual o havia deixado quando era apenas um rapaz pobre que sonhava em ser jogador.

Mas pelo lado da imprensa, o caso apresenta grandes oportunidades. Afinal, a queda, mesmo que fosse definitiva e ainda mais por essa possibilidade, era passível de exploração midiática a exaustão. E foi exatamente o que ocorreu. Muitos veículos de comunicação fizeram do “caso Bruno” pauta diária nas redações, mesmo em meio à Copa do Mundo. Na televisão, o aguardo por informações de testemunhas e até mesmo a perseguição ao goleiro momentos antes da prisão foram acompanhadas em tempo real, dando maior dramaticidade à trama que envolvia toda a situação. A vida de um jogador de futebol se tornou uma verdadeira novela. Ou ainda mais: um “reality show” no qual praticamente não havia cortes.

Desde então, grande parte da imprensa aproveitou para fazer análises sociológicas da situação do goleiro e apelou também para a repercussão do caso em diferentes situações. A retirada de um painel que incluía o jogador na Gávea, a pichação do muro do clube com ofensas ao atleta e até a repercussão internacional do caso, mesmo sendo tímida, se tornaram assuntos a serem debatidos em diversos meios.

É curioso também notar que a posição da mídia em relação à queda do mito também é variável de acordo com a recepção que a opinião pública tem do fato. Esse

fator ficou claro para a prisão de Bruno na primeira vez que ele foi chamado a depor e um grupo de torcedores se reuniu na porta do local para protestar a favor do goleiro. Os fãs, argumentando que a culpa só estaria confirmada quando houvesse evidências, ficaram ao lado do ídolo e fizeram com que alguns veículos passassem a adotar uma postura mais cautelosa no caso. Outros preferiram explorar a relação do torcedor com a paixão pelo clube e pelo ídolo, que o faz até mesmo abrir mão de determinadas condutas morais se lhe for conveniente.

Ao ídolo do futebol é permitido um comportamento que é condenado aos outros mortais. O mesmo torcedor que é tido como moralista em relação à sua própria conduta e à de outros pode ser complacente com um craque de futebol. Um jogador pode até ter sinuosa vida moral, pode até cometer um crime, mas o fã torce pela convocação do craque para a seleção brasileira. (MILANI, 1999, pg. 89)

A mídia parece ter percebido também que o ataque direto e deliberado a um mito que tinha tanta força e de uma hora para outra se perdeu, não seria recebido da melhor forma por todos. Até pelo fato de a informação não chegar da mesma forma a todos os receptores e cada um deles usar seus antecedentes e expectativas para formular opinião, nada mais normal do que ocorrerem reações distintas. Isso levou a uma diminuição no tom das críticas e das avaliações negativas em cima do goleiro. Passou-se a ver o mito novamente como algo humanizado, capaz de cometer erros e lembrar-se de que o fato não estava nem ao menos comprovado.

Há ainda exemplos mais interessantes e criativos da forma como a mídia tenta encontrar representação para o reforço e naturalização do mito mesmo quando este parece afastado e sem previsão de retorno aos olhos da massa como objeto de admiração. Um dos casos mais curiosos foi o de uma matéria publicada pelo portal *Globo.com*¹² após a decisão do Campeonato Carioca juvenil de futebol, em outubro deste ano. O goleiro do Flamengo, que se sagrou campeão do torneio, era o jovem Caio, que protagonizou uma cena curiosa na decisão contra o Botafogo, justamente o algoz preferido de Bruno. Depois de brilhar na disputa por pênaltis, o garoto fez questão de homenagear o ex-goleiro do clube que ainda era seu ídolo. Ele guardava debaixo do uniforme uma camisa com os dizeres “Ainda vou rir disso tudo”, mesma

¹² Ver Anexo XII

frase que Bruno utilizou para se referir a Eliza Samudio da primeira vez que foi questionado sobre o envolvimento no suposto assassinato.

Essa matéria evidencia uma busca dos meios de comunicação por novas referências que possam ser atreladas aos antigos ídolos e assim, de alguma forma, limpar pelo menos um pouco os arranhões que se espalham pela caricatura criada e, assim, ameaçam revelar o mito por trás da máscara. Mas é claro que, por se tratar de uma matéria oriunda da internet, existe ainda a discussão tanto pela classificação do meio quanto por seus impactos.

Como se sabe, ainda há dificuldades em se aceitar ou classificar o conteúdo jornalístico da rede como “de massa”, já que uma das características do conceito é a unidirecionalidade da produção de mensagem. E na internet, existe não só a capacidade de várias vozes produzindo opinião como também a possibilidade de discussões sobre os mais variados temas. Além disso, há também dúvidas quanto ao alcance dos conteúdos publicados na rede. Por mais que o número de pessoas com acesso esteja em crescimento, ainda existe uma clara limitação em relação a outros meios como o rádio e a televisão, por exemplo.

Mesmo assim, não se pode negar que apenas a intenção na produção de um conteúdo apaziguador mostra a tônica de amansamento que gere os veículos de comunicação como um todo. E com o esfriamento do caso, que ocasionalmente diminui também a fúria popular daqueles que clamam imediatamente por justiça sem saber a ordem dos fatos, há também a tendência de um acompanhamento mais sutil do dia a dia. Ainda preso, Bruno é lembrado constantemente por passar mal, tentar se matar, enfim, por viver uma degradação que contrasta completamente com o glamour e o brilho que experimentou intensamente até pouco tempo. Até mesmo a família do jogador, que enfrenta dificuldades financeiras e psicológicas após a prisão do goleiro, virou pauta obrigatória. Afinal, é um evento que comove e torna ainda mais plausível a complexa história a ser desenrolada: “É esse o papel do príncipe eletrônico: assimilar e esvaziar tais questões de seu conteúdo histórico, atribuindo-lhes novas significações com função apaziguadora” (COUTINHO, 2008, pg. 50)

O fato é que para a mídia, porém, a saga do herói e do mito permanece ainda que este esteja enfrentando o maior dos desafios com poucas chances de superá-lo ou tenha cometido o pior dos pecados. A ela é dado o direito com ares de dever de retratar o cotidiano do atleta, dentro e fora de campo. Ela tem, por isso, a missão cívica de manter pelo menos a memória do ídolo intacta e exaltar seus grandes feitos.

Para tanto, busca exemplos, relembra os fatos e apela até mesmo às polêmicas se for necessário. Só não permite, é claro, que o mito seja esquecido sem que outro tome o seu lugar.

5. Conclusão

Diante do que pôde ser discutido até aqui, fica para este trabalho a noção de que há um papel preponderante dos meios de comunicação na construção de mitos e ídolos no meio futebolístico.

O caso do goleiro Bruno, escolhido para ilustrar e orientar os rumos desta pesquisa mostra como a mídia age incessantemente na formação e manutenção de novos ídolos para o esporte quase que diariamente, exaltando-os nas páginas de jornais, matérias de televisão etc. Esses personagens fundamentais para a imprensa são transformados em mitos e, ao mesmo tempo, naturalizados para que sejam enxergados como fenômenos comuns, humanizados e aproximados da sociedade que os venera.

É possível também compreender o papel preponderante da mídia quando da queda destes mitos. O papel passa então a ser de preservar pelo menos o mínimo da aura mítica daquele ser, seja relembando seus grandes feitos, seja buscando outros que se inspirem em suas atitudes.

Fica claro, de fato, ao analisar o caso do goleiro Bruno, o quanto a mídia depende desses personagens. O goleiro que sempre foi preparado para passar uma imagem vencedora, de herói que supera obstáculos, foi bastante útil enquanto caminhou para o auge de sua carreira. Da mesma forma, como numa espécie de retribuição à memória daquele que um dia foi exaltado por todos, a imprensa faz questão de explorar as lembranças positivas do ídolo até onde é possível.

A maior das conclusões, entretanto, é acerca do poder do discurso midiático sobre o mito esportivo. Confirma-se por meio do que foi visto que ele é capaz de dar legitimidade a temas muitas vezes polêmicos e que pareceriam inaceitáveis à distância. A mídia age, sobretudo quando há interesse, de forma apaziguadora, garantindo ao mito, mesmo que este viva o chamado “inferno astral”, um fim de vida digno no terreno das lembranças.

Como aqui foi analisado um caso específico, há algum trabalho pela frente. Uma análise mais profunda dessa influência da imprensa talvez exigisse um esforço com a análise de outros perfis, com diferenciações de alcance até mesmo por classe social tanto da origem dos atletas quanto do público alvo dos diferentes veículos.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 5ª edição. Disponível em <http://ebooksgratis.com.br/livros-ebooks-gratis/tecnicos-e-cientificos/comucacao-industria-cultural-e-sociedade-theodor-adorno/>
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Quando é dia de futebol. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BARTHES, Roland. Mitologias. São Paulo: Difel, 2009. 4ª edição.
- BORELLI, Viviane. Cobertura midiática de acontecimentos esportivos. In: Intercom, Campo Grande, 2001.
- BORDIEU, Pierre. Sobre a televisão – a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- CAMARGO, Vera R. T. Concepção de uma cultura de massa. In: COSTA, Márcia Regina da (org.). Futebol: espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- CAMPBELL, Joseph Campbell. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 1995. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/7287491/Joseph-Campbell-O-Heroi-de-Mil-Faces>
- CAVALCANTI, Zartú. G. O mito do herói e o futebol. In: COSTA, Márcia Regina da (org.). Futebol: espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1983. 11ª edição.
- COUTINHO, Eduardo Granja. Gramsci: a comunicação como política. In: COUTINHO, Eduardo Granja; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel (orgs.). Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- ECO, Umberto. Viagem na irre realidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 10ª reimpressão.
- EVANGELISTA, Raquel Lobão. Ronaldo: um herói criado e adorado. Como a imprensa carioca colaborou para que o jogador se tornasse um mito. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2004. Monografia de curso de graduação.
- GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L &PM, 2010. Edição atualizada.
- GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GUILHERME, Paulo. Goleiros: Heróis e anti-heróis da camisa 1. São Paulo: Alameda, 2006. 1ª reimpressão

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: Revista Alceu. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7 – p. 19-36, 2003. Disponível em <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu-n7-Helal.pdf>

MERTON, Robert; LAZARSFELD, Paul. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teorias da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 109-134, 2000. 5ª edição.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: Comunicação cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. 4ª edição.

MILANI, Ricardo. O futebol e a razão utilitarista. In: COSTA, Márcia Regina da (org.). Futebol: espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999.

PICH, Santiago. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo. In: Revista Perspectiva. Florianópolis, v. 21, n.1, p. 199-277, 2003.

ROCHA, Everardo. O que é mito. São Paulo: Brasiliense, 1996.

RODRIGUES, Nelson. O berro impresso das manchetes. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SODRÉ, Muniz. O monopólio da fala: Função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1984. 5ª edição.

Anexos

- I – *Lancenet!* – 8/3/2010: “No Dia da Mulher, Bruno pede desculpas por declaração ofensiva
- II – *Extra* – 25/8/2009: “Exclusivo: Paranaense se diz grávida do goleiro Bruno”
- III – *Globo.com* – 12/5/2010: “Depois do beijinho, Bruno ironiza torcida do Fla: ‘Estou me lixando’”
- IV – *O Dia* – 27/6/2010: “Polícia diz que Bruno é suspeito de crime”
- V – *Extra* – 28/6/2010: “Bruno do Flamengo à Rádio Globo: ‘Ainda vou rir disso tudo’”
- VI – *O Globo* – 1/9/2006: “Clima tenso e cobranças na república do pão de queijo”
- VII – *O Globo* – 7/5/2007: “Na força da arquibancada e nas mãos de Bruno”
- VIII – *O Globo* – 24/4/2008: “Goleiro bate falta com a mão”
- IX – *O Globo* – 11/7/2008: “Líder em zona de risco”
- X – *O Dia* – 4/5/2009: “Um olho na Seleção e outro na janela”
- XI – *O Dia* – 5/5/2009: “O novo capitão do time de heróis”
- XII – *Globo.com* – 18/10/2010 – “Caio, o último dos fãs declarados de Bruno no Flamengo

No Dia da Mulher, Bruno pede desculpas por declaração ofensiva

Goleiro tinha perguntado no sábado ao defender Adriano: 'Quem nunca saiu na mão com uma mulher?'



Bruno disse que foi mal interpretado (Foto: Paulo Sérgio)

LANCEPRESS!

No Dia Internacional da Mulher, o goleiro Bruno resolveu vir à imprensa e se desculpar pela infeliz declaração dada no último sábado, na entrevista coletiva após a vitória do Flamengo por 4 a 0 sobre o Resende, em Volta Redonda. Na ocasião, ao defender o amigo Adriano, Bruno perguntou: "Quem nunca saiu na mão com uma mulher?".

- Fui mal interpretado, talvez tenha usado um termo errado para aquele momento e peço desculpas por isso. Todas as mulheres merecem respeito e carinho. Tenho mulher, duas filhas, uma pequena que vai ainda vai ser mulher um dia, então peço desculpas a vocês da imprensa e a todas as mulheres do Brasil - disse Bruno.

A declaração de Bruno no sábado caiu mal e gerou a insatisfação da presidente do Flamengo, Patrícia Amorim, que disse que iria conversar com o goleiro para tentar mudar a opinião dele. Pelo visto, ele parece que já se arrependeu.

Enviado por Maura Ponce de Leon -

25.8.2009

7h30m

Entre quatro paredes

Exclusivo: Paranaense se diz grávida do goleiro Bruno



A explicação para a má fase do Flamengo pode estar fora das quatro linhas, e dentro das quatro paredes. Nos últimos 19 jogos, com Bruno na defesa, o time levou 34 gols no Brasileirão e uma das razões teria relação com a menina da foto acima. Eliza Samúdio, de 24 anos, diz que está grávida de três meses do goleiro rubro-negro, que se separou da esposa no ano passado e está namorando uma dentista. Segundo a paranaense, eles teriam se conhecido em maio, num churrasco, e Eliza teria engravidado logo depois. De lá para cá, a jovem contou

que vem lutando para que o jogador arque com os gastos de médicos, e assuma a criança. Irritado, Bruno negou e disse que Eliza está inventando a história.

Depois do 'beijinho', Bruno ironiza torcida do Fla: 'Estou me lixando'

Goleiro se irrita com gritos de Julio César após a derrota por 3 a 2 para o Universidad de Chile no Maracanã

Por **GLOBOESPORTE.COM** Rio de Janeiro

Contra o Caracas, beijinho irônico. Desta vez, os gestos de deboche vieram acompanhados de um direto de Bruno à torcida do Flamengo. Na saída de campo após a derrota por 3 a 2 para o Universidad de Chile, o goleiro não resistiu às provocações.

Primeiro surgiu o grito: "Ei, Bruno vai tomar no c...". Ele reagiu colocando as mãos na orelha e pedindo mais alto. Então, os torcedores que estavam nas cadeiras inferiores começaram a lembrar de Julio César, goleiro da seleção brasileira e ídolo rubro-negro.

- Estou me lixando para eles.

Bruno vive relação de amor e ódio com a torcida do Flamengo. Assim como coleciona títulos, como o Brasileiro e o tri-carioca, ele também tem reações polêmicas. Em março do ano passado, após uma briga com o então auxiliar Andrade, a torcida tomou partido do ex-jogador. O goleiro então afirmou que se ele era o problema, sairia "para não atrapalhar o clube".

Depois de uma derrota no Brasileirão de 2009, voltou a dizer que deixaria o clube caso os torcedores quisessem. Pouco depois, porém, a fase melhorou, ele defendeu pênaltis importantes e terminou o ano novamente idolatrado.

Polícia diz que Bruno é suspeito de crime

Segundo delegada, goleiro do Flamengo estaria envolvido na agressão e morte de Eliza Samudio, com quem tem um filho. Mulher do jogador chegou a ser presa ontem em Minas

POR LESLIE LEITÃO

Contagem (Minas Gerais) - As investigações da Delegacia de Homicídios (DH) de Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, indicam que a estudante Eliza Samudio, 25 anos — mãe de um menino de quatro meses, fruto de um conturbado relacionamento com o goleiro Bruno, do Flamengo — já esteja morta há cerca de 20 dias. Pelo menos esta é a opinião da delegada reponsável pelo caso, Alessandra Wilke. A jovem, que está desaparecida desde o último dia 5, teria sido espancada e morta por três homens dentro do sítio do próprio jogador, na região de Esmeraldas, próximo à capital mineira. O jogador Bruno seria um dos agressores. Ele deve depor na próxima semana.

Desde quinta-feira, as divisões de Homicídios do Rio de Janeiro e de Minas Gerais procuravam Eliza e seu filho Bruno. O menino foi encontrado na madrugada de ontem, após uma peregrinação por endereços em três municípios mineiros. A esposa do goleiro, Dayanne Rodrigues do Carmo Sousa, 23 anos, chegou a ser presa em flagrante pelo crime de subtração de incapaz. Horas depois, o juiz de plantão do Fórum de Contagem lhe concedeu a liberdade provisória. A criança foi levada para o Abrigo Lar Efatá até que o pai de Eliza, Luiz Carlos, que vive em Foz do Iguaçu, no Paraná, chegue.

A delegada informou que, na quinta-feira recebeu uma denúncia de que a moça havia sido levada para o sítio, onde teria sido violentamente agredida por Bruno e outros dois amigos. E que, depois, o próprio Bruno teria queimado roupas e a bolsa dela. “A intenção era acabar com tudo dela, para não sobrar nenhum vestígio. A denúncia dizia que o bebê também estaria no sítio, em poder dos caseiros. Agora, achamos a criança, mas Eliza não. Vamos continuar nossas diligências mas, infelizmente, tudo indica que a moça esteja morta”, disse a delegada.

“O caso de seu desaparecimento está causando enorme repercussão e ela até agora não apareceu. Nenhuma das pessoas que tinha contato com Eliza sabe onde ela está. Então, nosso objetivo agora é tentar localizar esse corpo”, disse Alessandra Wilke.

A prisão da mulher de Bruno, com quem o goleiro tem duas filhas, de quatro e dois anos, já reforçava essas suspeitas da polícia. Na manhã de sexta-feira, agentes estiveram no sítio e avistaram a criança. No fim da tarde, por volta das 16h30, quando voltaram ao local, os agentes já não encontraram mais o bebê. A Polícia Civil mineira levou o caseiro José Roberto Machado, sua esposa, e o administrador do sítio, Elenilson Vítor da Silva, à delegacia. Os três prestaram depoimento.

Inicialmente, Vítor negou a existência da criança. Mas depois admitiu que ela havia sido levada para o local por Luiz Henrique Macarrão, amigo de infância do goleiro, no dia 7 de junho, dois dias depois do desaparecimento de Eliza.

A delegada descobriu, através dos mesmos depoimentos, que o filho de Eliza, registrado como Bruno, já havia recebido outro nome: Rian. “O Vítor disse que o Macarrão, quando

chegou com a criança, disse que era para cuidarmos dela, que era filho do Bruno, até que o Bruno decidisse o que fazer", diz Alessandra Wilke.

O DIA revelou o sumiço de Eliza e do filho de 4 meses com exclusividade

Na edição de ontem, **O DIA** noticiou, com exclusividade, o desaparecimento de Eliza Silva Samudio e de seu filho, Bruno. O repórter Leslie Leitão revelou que policiais das divisões de Homicídios de Minas Gerais e do Rio estavam à procura da jovem e do bebê.

Ontem, o repórter Leslie Leitão e o fotógrafo André Mourão viajaram de madrugada para Minas Gerais. Novamente com exclusividade, a equipe registrou o depoimento da mulher de Bruno, Dayanne Rodrigues do Carmo Souza, sua prisão por subtração de incapaz e a liberação graças à concessão pela Justiça da liberdade provisória .

A equipe de reportagem de **O DIA** também esteve no sítio em Contagem onde, de acordo com a polícia, Eliza foi violentamente agredida por três homens. Um deles seria Bruno.

Enviado por Casos de Polícia -

28.6.2010

| 11h27m

ENTREVISTA

Bruno do Flamengo à Rádio Globo: 'Ainda vou rir disso tudo'



Pela primeira vez desde que seu nome virou o principal assunto das páginas policiais dos jornais, o goleiro Bruno, do Flamengo, quebrou o silêncio. Na manhã desta segunda-feira, quando chegava para treinar na Gávea, sede do clube, ele encontrou-se com o repórter Cláudio Perroux, da Rádio Globo, e declarou:

- Sou inocente, ainda vou rir disso tudo.

Em seguida, o jogador disse que está proibido pela direção do clube de dar entrevistas.

Clima tenso e cobranças na república do pão de queijo

Chegada de Jajá e Bruno transforma Fla em sucursal do futebol mineiro

Márcio Tavares

• No começo da semana, a indignação de alguns torcedores em relação ao desempenho do Flamengo no Campeonato Brasileiro era evidente. O técnico Ney Franco chegou a ser interpelado porque estaria dando preferência aos mineiros contratados ao Ipatanga e um torcedor disse que o Flamengo não poderia se tornar uma república do pão de queijo. Ontem, com a chegada de mais reforços formados em Minas, Bruno, o Atlético-MG, e Jajá, do América-MG, contratados anteriormente, o Flamengo ficou com o sotaque ainda mais mineiro. Bruno é de Belo Horizonte e Jajá de Ipatanga. Nem mesmo a possibilidade de o Flamengo estar começando a costurar uma parceria informal com a MSI parece ter acalmado os ânimos: alguns torcedores deram novas demonstrações de revolta.

Reforços se apresentam à noite em meio a boatos

O alvo seria o técnico. Só que, ao voltar do Rio Grande do Sul, onde o Flamengo foi derrotado recentemente pelo Juventude, Ney ficou conversando com o vice de futebol Kleber Leite. E acabou subindo para o preparador Alexandre Sans, que foi até desafiado.

— Ele discutiram comigo e me chamaram pra sair no braço — disse Alexandre Sans. Kleber Leite soube da atitude dos torcedores e foi conversar com eles para evitar mais ataques. Ele na realidade estava animado com a possibilidade de um novo técnico.

— Não é nada formal. Estamos tentando aproveitar o racha que há entre a empresa e o Corinthians. Minha amizade com Paulo Angioni (gerente da MSI) e a aproximação que houve entre o Hélio Ferraz (ex-presidente rubro-negro) e o Kia Jorabachian (diretor da MSI) podem ser usadas em benefício do Flamengo com a empresa colocando jogadores no clube a custo zero — explicou Kleber, acrescentando que não há sonegação entre o



O GOLEIRO BRUNO (à esquerda) e o atacante Jajá, os novos reforços do Flamengo, fazem pose na Gávea

que a MSI faz no Corinthians e tenta fazer no Boca Juniors, ao qual ofereceu US\$ 25 milhões para usar a marca do clube mais popular da Argentina. — Pode ser que a situação evolua para algo semelhante, mas por enquanto a MSI está só colocando de reforços aqui.

A preocupação da diretoria ontem à noite era acelerar a assinatura de contrato de Bruno e Jajá para que sua documentação ficasse pronta para o jogo contra o Internacional, amanhã. Mas Ney considera prematuro pensar em escalar sem observá-los. — Está cedo para definir se os dois entram em campo. Vamos aguardar. O Jajá é um jogador de chegada e o Bruno também é bom reforço. Além do que, um bom reforço, Bruno é uma boa aposta para o preparador de goleiros rubro-negro, Roberto. — Ele vem treinando e acho



que está em boa forma. Se estiver regularizado, não vejo por que não escalá-lo. Ele é técnico, tem a altura ideal, mais de 30m e se mantiver a média de atuações que eu vi, é seleção brasileira na certa. Só precisa controlar seu temperamento. Uma vez chegou a mandar a mão no Léo Medeiros, num jogo entre Atlético-MG e Ipatanga — disse. Bruno e Jajá chegaram à Gávea à noite. Assinaram contrato até o fim da libertadores, tiveram todos e deram as declarações formais de praxe. — Estou chegando para jogar no Flamengo de Zico. O

clube tem uma torcida enorme e aqui vou estar em uma ótima vitrine — disse Bruno.

Contratado ao Gafel, da Espanha, Avelino Jackson Coelho, o Jajá, de 20 anos, explicou que prefere jogar como meia. — Gosto de jogar fazendo a função de meia de ligação. O Flamengo é um dos maiores clubes do mundo e espero vencer aqui — disse Jajá, que não sabe por que seus amigos lhe deram esse apelido.

Apesar de satisfeito com a chegada dos dois, Ney estava preocupado com o time para o jogo de amanhã. Diego Sávio e Leonardo Moura serão examinados hoje, mas o médico Walter Martins considerou a escalação dos três, todos com problemas de contusão, problemática. Incompreensão. Ney teve uma boa ideia. Lázaro e Ramirez treinaram bem e podem ser usados contra o Botafogo, dia 16.

RENATO MAURÍCIO PRADO



Fraldas e bengalas

• Marcelo bateu pé e acabou ficando, mas a disposição do Fluminense de tentar vender, de uma só vez, duas das suas principais revelações das categorias de base (o próprio Marcelo e o atacante Lenny) indica um triste caminho sem volta. Em breve o futebol brasileiro será disputado apenas por dois tipos de jogadores: os que ainda usam fraldas e os que já se apóiam em bengalas.

Não custa lembrar o caso dos gêmeos Fábio e Rafael, de 16 anos, tidos como os maiores talentos de Xerém, desde a sua criação, e que já foram negociados pelo Flu com o Manchester United, para onde se transferiram tão logo completaram a maioridade. Ou seja, esses nem chegaram a jogar no time principal.

No caso do tricolor carioca a situação é ainda mais lamentável porque, ao contrário da grande maioria dos clubes brasileiros, ele dispõe, já há alguns anos, de um forte patrocinador. MAIS UM jogador de Eduardo do Urum, no Fla. E ainda acham que o presidente do clube é o Márcio Braga.

Por falar no Urum: é aceitável que até agora não tenha chegado o dinheiro da venda de Jônatas? Por que o Flamengo não condicionou a saída do jogador ao depósito imediato?

Resta a pergunta singela: não seria muito melhor investir nessas provas, em vez de ficar contraindo "bom-bom" velhos? Petkovic fatura R\$ 300 mil por mês. Pedrinho (que não jogou), Rogério, Tita e Philipe recebem, cada um, salários entre R\$ 80 e 130 mil, o trio que veio da Ponte Preta (Angelo, Rissotto e Evandro) custa, ao todo, mais R\$ 160 mil. E ainda tem o Jean, o Dordovec, o Thiago (outra revelação do clube), o Gabriel Santos etc. Essa grana não seria aplicada de forma bem mais eficiente na garotada de Xerém?

Enquanto isso, os funcionários do clube (que tem um salário médio de R\$ 600) costumam passar dois meses sem receber.

Muitos têm que pedir dinheiro emprestado aos sócios a fim de, pelo menos, pagar a passagem de volta para casa. Outros, numa atitude extrema, catam latas de alumínio nas lixeiras do clube... que vergonha! — denunciam, através de e-mails revoltados.

Coagido a aceitar a proposta do CSA, Marcelo ouviu dos dirigentes "argumentos" tais como, se não aceitasse a transferência, a culpa por atrasos nos salários (de jogadores e funcionários) seria dele! Isso porque o clube já recebeu praticamente todas as receitas a que teria direito até o final da temporada.

O jovem lateral chegou a dizer que só iria se fosse acompanhado por algum outro companheiro — e daí? Banco do Brasil. Mas, há tempos, garante que interessado em substituir o atual patrocinador do futebol brasileiro não faltam.

Renato Guedes respira aliviado: acabou o prazo para a contratação de jogadores do exterior e Romário não foi inscrito.

Como erram passes os jogadores do Flamengo? Desta forma vai ser difícil.

E-mail para esta coluna: rprado@globom.com.br

escapar da zona do rebaixamento. Pelo visto, o sofrimento vai durar até o final do campeonato, sabe-se lá com que desfecho. Sem passe e sem ataque, vitória só mesmo por acaso.

Diego Silva, Toró, El Tigre, Júnior, Bruno Mezenga, Vinícius Pacheco... Como o Flamengo tem jogador que desaparece — mas continua na folha?

Jajá? Nunca ouvi falar. Sua maior referência? Ser que lhe garante o pagamento da maior parte da folha. Como isso, entretanto, parece não ser o bastante nem mesmo onde existe um dos trabalhos mais produtivos nas divisões de base, a política é a mesma: revelar e vender, rapidamente, montando o time com o que sobra e com figuras em final de carreira — a turma da bengala, que já foi e está voltando do exterior.

Resta a pergunta singela: não seria muito melhor investir nessas provas, em vez de ficar contraindo "bom-bom" velhos? F. o haqueiro masculino, lein! Até hoje o Lula Pereira não sabe bem o que houve com a nossa seleção no Mundial (e isso ficou claro na longa entrevista que deu no Arena Sport?). Ainda assim, ele continua. Dá-lhe, Grego!

Quer entender um pouco do que aconteceu com o Brasil no Mundial de Basquete? Sugiro a leitura da coluna de Fábio Balassiano, no site Draft Brasil (<http://www.draftbrasil.net/index.php>).

Gustavo Kuerten convidado para entrevista na próxima terça-feira, às 10h30m, no CKT, da loja de sua grife esportiva, em Florianópolis.

Será o anúncio de sua despedida? Oficialmente, o motivo do papo é o aniversário de 30 anos do tricampeão de Roland Garros.

Campeãs mundiais sub-21 de vôlei de praia (título conquistado no domingo passado, na Polónia), as cucas Bárbara e Carol Aragão ganharam um presente da Federação Internacional de Voleibol: o "wild-card" para a etapa de Acapulco do Circuito Mundial, a última da temporada, em outubro.

Até lá, elas tratam de recuperar as aulas perdidas na Universidade. Bárbara estuda medicina e Carol administração.

O presidente da CBV, Ary Graça, para que não quer romper o contrato com o Banco do Brasil. Mas, há tempos, garante que interessado em substituir o atual patrocinador do vôlei brasileiro não faltam.

Renato Guedes respira aliviado: acabou o prazo para a contratação de jogadores do exterior e Romário não foi inscrito.

ENCONTROS O GLOBO APRESENTA POLÍTICAS PÚBLICAS.

UM DEBATE PARA AJUDAR A ENTENDER A HISTÓRIA RECENTE DA ECONOMIA BRASILEIRA

O Encontro O Globo debate o novo livro de Gustavo Franco, "Crônicas da Convergência", uma coletânea de artigos do ex-presidente do Banco Central. Uma excelente oportunidade para você aprofundar seu conhecimento sobre a situação atual da economia do país. Participarão: Gustavo Franco, o economista Fábio Giambiagi e o jornalista Guilherme Fliás. Não perca.

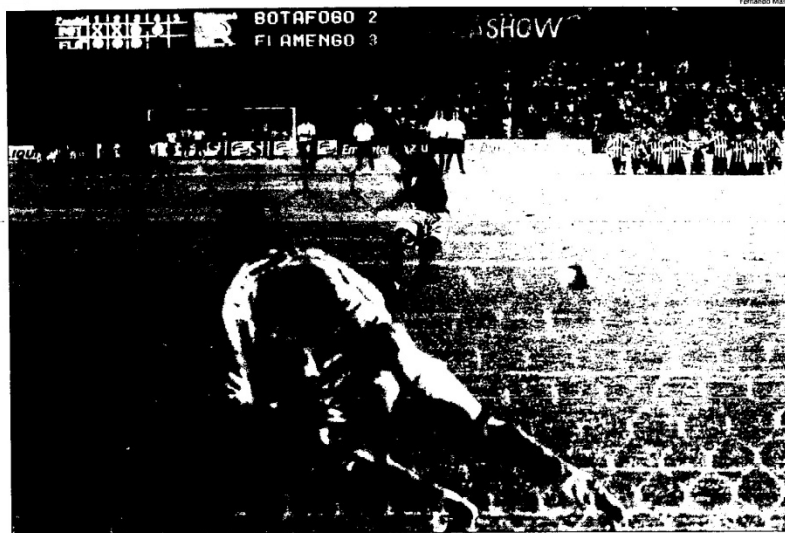
Mediação: Merval Pereira. Colunista do jornal O Globo

DA 19H - 19H - AUDITÓRIO DO GLOBO

RUA TREMÊME MARANHÃO, 51-A ANDAR - CIDADE NOVA



FESTA RUBRO-NEGRA: Time joga com garra, supera o Botafogo nos pênaltis e assegura o seu 29º título estadual



LEONARDO MOURA desloca Max e converte a quarta cobrança de pênalti, que garantiu o Campeonato Carioca para o Flamengo, num jogo que terminou empatado em 2 a 2

Na força da arquibancada e nas mãos de Bruno

Torcedores do Fla tomam conta do Maracanã e empurram time para a conquista, que teve o goleiro como herói

Maurício Fonseca

Quando quer, a torcida do Flamengo faz a diferença. E, ontem, ela quis. Passou por cima do fracasso da equipe no meio da semana no Uruguai, lotou o Maracanã e conseguiu equilibrar uma final que lhe parecia desfavorável. O time correspondeu dentro de campo, lutando muito diante de um adversário superior. Conseguiu um sólido empate de 2 a 2 e levou a decisão para os pênaltis. Ali, quem brilhou foi o goleiro Bruno, que já tinha evitado a derrota nos 90 minutos. Com duas defesas, ele garantiu o 29º título estadual do Flamengo, que agora só é superado por um pelo Fluminense, ainda o maior vencedor de Estaduais. O Flamengo, que completou 11 jogos sem perder para o Botafogo, foi campeão sem vencer um clássico.

Já era no fim e Dodô acaba expulso de campo. Quando entraram em campo e viram o Maracanã tomado pelas cores vermelha e preta, os jogadores do Flamengo perceberam que tinham a obrigação de correr dobrado. E o início deixou claro que o time e rubro-negro não seria o grupo apático do primeiro tempo do primeiro jogo da decisão. Partiu para cima e teve um boa chance logo no primeiro minuto, com Renato.

O Botafogo não demorou a equilibrar a partida. Mas com uma marcação forte entre as duas intermediárias, poucas

chances foram criadas no primeiro tempo.

O que faltou de emoção nos primeiros 45 minutos, sobrou na etapa final. Logo aos sete minutos, Juan fez grande jogada pela esquerda e cruzou para Souza abrir o marcador. A sorte do Botafogo foi que o time não se desesperou. Tratou de tocar

ATUAÇÕES

FLAMENGO

BRUNO: Ao lado da torcida, foi o grande herói do título. Fez duas defesas sensacionais que garantiram o empate no tempo regular. Nos pênaltis, foi brilhante. • Nota 10.

LEONARDO MOURA: Não apoiou como de costume, preocupado com Jorge Henrique e Zé Roberto. Mostrou força na cobrança do pênalti que garantiu o título rubro-negro. • Nota 6,5.

IRINEU: Inseguro, cometido seguidas faltas em Dodô. Nem pelo alto esteve bem. • Nota 5.

RONALDO ANGELIM: Bem melhor do que o companheiro. Esteve sempre atento à cobertura de Juan. • Nota 6,5.

JUAN: Boa situação. A jogada que terminou no gol de Souza foi toda sua. Na marcação, ganhou e perdeu de Jolison. • Nota 7.

PAULINHO: Não esteve nos seus melhores dias. Correu muito, mas errou passes demais. • Nota 6.

JAILTON: Sentiu a decisão. Parecia assustado com o Maracanã lotado e errou tudo que pôde. • Nota 3. CLAYTON entrou

a bola e não demorou a empatar. Aos 11 minutos, Lúcio Flávio cobrou falta, e Juninho, de cabeça, igualou o placar.

Ali, sim, apareceu o time que mostrou o melhor futebol do campeonato. Aos 15, numa tabela sensacional entre Dodô e Jorge Henrique, o centroavante penetrou livre e tocou, com

imensa categoria, por cima de Bruno. Foi o 13º gol de Dodô, artilheiro do Estadual ao lado de Marcelo, do Madureira.

O Botafogo tomou conta das ações e teve tudo para matar o jogo, primeiro com Dodô, aos 20 — Bruno fez grande defesa e a bola ainda bateu no travessão — e com Jolison, aos 24.

BOTAFOGO

MAX: Não foi muito exigido, já que o Flamengo pouco chutou. Nos dois gols do Flamengo, nada pôde fazer. • Nota 5,5.

JOLISON: Boa atuação, principalmente no segundo tempo, quando partiu para o apelo. Perdeu um gol leito. • Nota 7.

ALEX: Tinha bom duelo com Souza, ganhando a maioria dos lances. • Nota 6,5.

JUNINHO: Tomou conta de Raul e ainda apareceu na área para fazer o primeiro gol do time. Perdeu um dos pênaltis. • Nota 7.

LUCIANO ALMEIDA: Jogou com muita raça, vibrando até com bico para o alfo. • Nota 6,5.

LEANDRO GUERREIRO: Não repetiu as últimas boas atuações, apesar da bela intenc. • Nota 5,5.

TULLIO: O melhor do time. Comandou a saída de bola, marcou bem e não deixou a

equipe desanimar quando levou gol. Criou boas jogadas, inclusive a do segundo gol, e ainda cobrou o pênalti com categoria. • Nota 9.

LÚCIO FLÁVIO: Apagado no primeiro tempo, cresceu na etapa final. Cruzou bem a bola para o gol de Juninho, mas cobrou mal o pênalti. • Nota 6,5.

ZÉ ROBERTO: Sumido nos primeiros 45 minutos, melhorou muito na etapa final, quando tornou de lado e fez jogar pela direita. • Nota 7.

ANDRÉ LIMA: Que nada foi. Sem nota.

JORGE HENRIQUE: Dói enorme trabalho, jogando aberto pela esquerda. Também apareceu bem na marcação. • Nota 7.

DODÔ: Foi parado com faltas por Irineu. Quando conseguiu jogar, fez um golazo. Não estava impedido no lance no fim, mas errou ao chutar a bola com o pégo parado. • Nota 7,5.

CUCA: Tentou de tudo para chegar ao título. Seu time foi o melhor no segundo tempo, mas soube vencer. • Nota 6,5.

ARBITRAGEM

Djalma Beltrami esteve mais e fez sua confusa atuação ao confirmar impreterivelmente o gol de Dodô, assinalado pelo auxiliar Hilton Moutinho.

Aos 43, um lance decisivo. Dodô, em posição legal, entrou livre na área, mas o bandeirinha Hilton Moutinho assinalou erradamente impedimento, corroborado pelo confuso árbitro Djalma Beltrami. Com o jogo parado, Dodô chutou a bola para o gol. Como já tinha cartão amarelo, foi expulso.

Lúcio Flávio e Juninho desperdiçam cobranças

Nos pênaltis, brilhou a estrela de Bruno. Ele defendeu as duas primeiras cobranças — Lúcio Flávio e Juninho — enquanto Renato e Rauli converteram para o Flamengo. Tullio cobrou bem e fez o seu, mas Juan marcou o terceiro. Luciano Almeida fez o quarto. De nada adiantou, já que Leonardo Moura garantiu o título na sua cobrança, deslocando Max.

A festa rubro-negra só termina quarta-feira, quando o time enfrenta o Defensor, precisando vencer por quatro gols de diferença. Se depender da torcida, a classificação não vai escapar.

Flamengo: Bruno, Leonardo Moura, Irineu, Ronaldo Angelim e Juan; Paulinho, Jailton (Clayton), Renato e Renato Augusto; Raul e Souza. **Botafogo:** Max, Jolison, Alex, Juninho e Luciano Almeida; Leandro Guerreiro, Tullio, Lúcio Flávio e Zé Roberto (André Lima); Jorge Henrique e Dodô. **Juz:** Djalma Beltrami. **Cartões amarelos:** Dodô, Luciano Almeida, Tullio, Jailton, Ronaldo Angelim, Irineu, Souza. **Cartão vermelho:** Dodô. **Renda:** 1.671.630. **Público:** 63.614 pagantes. ■

AQUI, QUEM DÁ AS CARTAS É VOCÊ.

Aproveite o último dia para fechar o melhor negócio e sair de Fiat Croma.

Fiat Croma

PALIO CELEBRATION II 2P OU 4P 07/07

499

2432-3232

Av. das Américas, 10 605 Recreio dos Bandeirantes

ESPORTES

Goleiro bate falta com 'a mão'

Com chute preciso, Bruno marca primeiro gol da vitória do Fla sobre o Bolognesi: 2 a 0

Aos 37 minutos do segundo tempo, o resultado de 0 a 0 e a apreensão persistiam entre os rubro-negros que contavam com a vitória e esperavam por uma goleada, mas não imaginavam o que estava por vir. Diante da falta de pontaria dos atacantes numa noite sem inspiração, o goleiro Bruno se apresentou para bater falta na entrada da área e abriu o placar na vitória do Flamengo por 2 a 0 sobre o Coronel Bolognesi, ontem, no Maracanã, que deu ao time carioca o primeiro lugar do Grupo 4 e a segunda melhor campanha da primeira fase, com os mesmos 13 pontos que o Fluminense, mas com cinco gols de saldo contra oito dos tricolores. Ao derrotar o Cienfuegos por 3 a 1, ontem em São, evidência, o Nacional ficou em segundo na chave dos rubro-negros.

Apesar da beleza e da raridade do lance, Bruno não foi o autor do primeiro gol de goleiro nem do mais inusitado da história rubro-negra. Nos anos 70, aproveitando-se do vento a favor do Estádio Luz-Brasileiro, na ilha do Governador, Ubirajara Alcântara deu um chute para frente de sua área que acabou dentro do gol da Portuguesa. Ontem, a diferença foi a intenção e o palco. No Maracanã e num jogo internacional, Bruno brindou o público que acompanhava um jogo melancólico.

No primeiro tempo, o Flamengo e Kleberson começaram o jogo em ritmo intenso. Aos 7, Marcinho cabeceou no travessão. Tordella não aproveitou na sobra e na sequência, Cristian e Juan se atrapalharam com a bola. A partir daí, o time passou a insistir, sem sucesso, nas jogadas pelo meio. Mesmo sem levar susto, diante da inoperância do ataque peruano, a situação foi se tornando desconfortável. Aos 35, Marcinho sofreu pênalti não marcado antes de o Flamengo descer para o vestiário sob tímidas vaia.

Bruno faz grande defesa antes do gol

O time voltou para o segundo tempo com Diego Tardelli no lugar de Cristian, mas a postura não mudou. Aos 4, Kleberson cobrou falta à meia altura e Penny defendeu no canto. Em chute de esquerda de fora da área, Tardelli obrigou o goleiro a outra boa defesa, aos 13. Na beira do campo, o técnico Joel Santana demorava a mexer. Nas arquibancadas, a torcida não tinha a mesma paciência, ainda mais depois que Ross cabeceou completamente livre para Bruno salvar o time pela primeira vez, aos 22. A falta geral da defesa acortou o time e no lance seguinte Souza invadiu a área em bela jogada individual, driblou o goleiro Penny e chutou para o gol mas o zagueiro Balbin, trouxer em cima da linha.

Aos 25, a torcida vibrou com a entrada de Obina no lugar de Tord mas foi Léo Moura que chutou de longe para Penny defender. Aos 30, Obina entrou livre na área mas mandou a chance do gol em cima de Penny. No rebote, Kleberson emendou muito mal. Juan mostrou mais qualidade no chute ao cobrar falta que passou rente à travessa, aos 33. O Flamengo voltava a insistir nas jogadas pelo meio enquanto o Bolognesi fazia faltas para contê-las. Numa delas, o goleiro Bruno se apresentou para a cobrança e o jogo até então desinteressante tornou-se um épico. Com um toque sutil que encobriu a barreira e morreu no canto esquerdo de Penny, o goleiro marcou o gol do alívio, aos 37. Para completar o êxtase da torcida, Marcinho cruzou da direita e Obina empurrou para o gol, 2 a 0, aos 39. **Flamengo:** Bruno, Leonardo Moura, Fábio Luciano, Ronaldo Angelim e Juan. **Cristian (Diego Tardelli), Jaltón, Tord e Kleberson.** **Marcinho e Souza.** **Coronel Bolognesi:** Penny, Revoredo (Farfán), Balbin, Ostersen e Alvarez; Linares (Novoa), Uribe, Cortez e Vasquez; Ross e Vigil (Mosto). **Juiz:** Ivan Gamboa (Bolívia). **Cartões amarelos:** Tord, Marcinho, Linares, Vasquez, Revoredo. ■



AOS 37 MINUTOS do segundo tempo, o goleiro Bruno cobra com categoria e faz o primeiro gol do Flamengo na vitória sobre o Bolognesi por 2 a 0, no Maracanã



LEONARDO MOURA vence a marcação no jogo que garantiu ao rubro-negro a segunda melhor campanha de Libertadores

ATUAÇÕES

FLAMENGO

BRUNO: Se tinha defendido bolas atiradas até salvar cabeçada de Ross. Para completar, foi o herói com uma belíssima cobrança de falta. **Nota 9.**

LEONARDO MOURA: Não foi bem. Muito punhalado. **Nota 4.**

FÁBIO LUCIANO: Sem trabalho, diante de um ataque que pouco ameaçou. **Nota 5.**

RONALDO ANGELIM: Também não teve muito o que fazer. Poderia até ter atacado mais. **Nota 5.**

JUAN: Jogou mais como atacante do que como lateral. Mas, assim como a maioria, não estava muito inspirado. **Nota 6.**

CRISTIAN: Tinha a função de proteger os zagueiros. Mas do quê? **Nota 5.**

DIEGO TARDELLI: entrou no intervalo e procurou o jogo nos primeiros minutos do segundo tempo. Não conseguiu muito e logo se entregou à falta de inspiração geral. **Nota 5.**

KLEBERSON: Na melhor forma de sempre. Sem brilho, mas com a disposição que acaba sendo sinônimo de eficiência e de falta de luanda. **Nota 6.**

JALTÓN: Jogou com a tarefa de defender e até aí. A primeira, cumpriu razoavelmente. A segunda, fracassou. **Nota 4.**

TORD: Mantive seu padrão. Correu, lutou, criou alguns bons lances e levou o velho cartão amarelo por falta violenta. **Nota 5.**

OBINA: perdeu dois gols e fez um. **Nota 6.**

SOUZA: Tentou pelo meio, pelos flancos e pouco conseguiu. Perdeu um gol incrível, após boa jogada individual. **Nota 6.**

GAVILAN: entrou no fim. Sem nota.

MARCINHO: Começou bem, sofreu um pênalti e sumiu. **Nota 5.**

JOEL SANTANA: Tentou melhorar seu time no segundo tempo e conseguiu. **Nota 6,5.**

CORONEL BOLOGNESI

No modestíssimo time peruano, destaque para o goleiro Penny e para o apolador Vasquez.

ARRITRAGEM

O boliviano Juan Gamboa ignorou um pênalti em Marcinho. No aspecto disciplinar, foi bem.

ESPORTES

Líder em zona de risco

Festa com prostitutas em BH acaba na polícia e abala ambiente do Flamengo



GAROTA DE programa exhibe marcas no corpo: ela acusa Marcinho de agressão

Anderson Alves, Carlos Eduardo Mansur e Marcos Guiotti
RIO e BELO HORIZONTE

O que começou com um grave ato de indisciplina terminou numa polêmica que abalou as estruturas do elenco do Flamengo. Liberados para ficar com familiares em Belo Horizonte após o empate (1 a 1) com o Atlético-MG, os jogadores Marcinho, Bruno e Diego Tardelli, além do goleiro reserva Paulo Victor, que nem estava na delegação, estiveram em uma festa no sítio de Bruno com a presença de garotas de programa. Elas acusaram Marcinho de agressão e registraram queixa em delegacia da capital mineira. Em seguida, foram encaminhadas ao IML e fizeram exame de corpo de delito.

Hoje, na Gômea, uma reunião deverá acontecer antes do treino. O clube quer ouvir os envolvidos e estudar punições. Mas há coisas a acertar dentro do elenco.

— Quem vai ter que ser homem e falar o que aconteceu é o Marcinho. Não agrediu ninguém. Pedi para ser liberado para jantar com parentes. Depois, passei no sítio do Bruno. Achei que estariam familiares lá. Fiquei só 45 minutos e voltei para a concentração. Vi que o tipo de pessoas que estavam lá não me faziam bem. Tenho esposa e filha — disse Diego Tardelli, afirmando que sua esposa pediu divórcio, assim como a de Bruno. — Só Marcinho e Bruno para salvar meu casamento.

Capitão do time, o zagueiro Fábio Luciano não se esquivou.

— Vamos conversar com os envolvidos. O pensamento tem que estar no trabalho. Na folga, podem fazer

o que quiserem, mas estavam liberados para ver parentes. Não para este tipo de coisa. Envolveu o nome de todo o grupo, do Flamengo. Deveria ser um momento de descanso, alimentação adequada. Mas a maioria do grupo ficou no hotel e dormiu na hora marcada. Mais importante do que ir à mídia é falar lá dentro, com o grupo. Eles vão pedir desculpas.

Em seguida, ele foi questionado sobre o envolvimento de Marcinho em recente episódio na Rochinha.

— Vai ser difícil negar o envolvimento agora.

Clube pretende ouvir os envolvidos

• Bruno confirmou ter realizado a festa em seu sítio, em Ribeirão das Neves, perto de Belo Horizonte.

— Não creio. O que aconteceu, mas acredito no Marcinho, se ele disse que não agrediu ninguém. Esta história acabou com meu casamento.

Dos três jogadores de mais nome envolvidos, Marcinho é o único solteiro. Mas enfrenta acusações graves. Uma das garotas de programa o acusou de ter lhe atirado uma garrafa. Na delegacia, uma delas, que se identificou como Andréia, chegou a colocar seu celular no viva voz enquanto afirmava conversar com Marcinho. O interlocutor se desculpava, argumentava que estava bêbado e pedia que o assunto fosse encerrado. Ao menos uma das mulheres que registraram queixa tinham marcas no corpo. Há, contra Marcinho, a acusação de ter levado uma delas para

um quarto e colocado um armário na porta para que ninguém entrasse. Lá, teria cometido as agressões, segundo as vítimas, por querer ter relação sexual sem preservativo.

— O laudo da legista irá mostrar se houve agressão — disse a delegada Lilian da Silva.

Marcinho pode ser convocado para depor na próxima semana.

No depoimento, uma das mulheres disse que havia 15 delas na festa, contratadas por R\$ 450. Todas frequentam casas de prostituição na Rua Gualcurus, no centro de Belo Horizonte, onde os programas costumam de R\$ 10 a R\$ 20.

O gerente de futebol do Flamengo, Isaias Tinoco, foi designado para decidir sobre punições. Ele, por enquanto, prefere ouvir os jogadores.

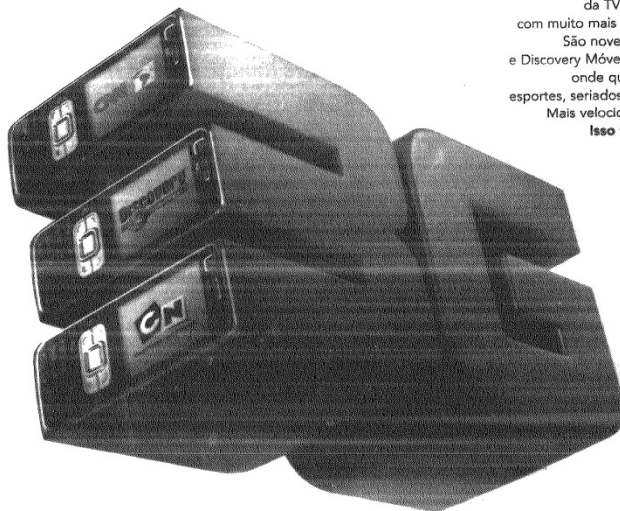
— Pode ter havido uma grande armação para nos abalar — disse Tinoco, afirmando que os jogadores envolvidos eram os únicos liberados para sair, mas para ver parentes.

A notada irritou o técnico Caio Júnior. O episódio pode fazer, ainda, o clube romper o hábito de liberar, após os jogos fora do Rio, jogadores que tinham familiares nas cidades para sair da concentração. Tal possibilidade já faz parte do elenco reprovado a indisciplina dos envolvidos. Marcinho foi orientado pela diretoria a não falar o assunto.

Em sua despedida, ontem, Renato Augusto prometeu à diretoria voltar ao Flamengo quando retornar ao Brasil. Ele foi para o Bayer Leverkusen. O Flamengo busca um substituto. Além de ter conversado com Felipe, observa o mercado argentino e avalia o meia Danilo, ex-São Paulo. ■

TV no seu celular é 3G.
3G é Claro.

Com Claro 3G você tem o melhor da TV no seu celular, só que agora com muito mais qualidade de imagem. São nove canais, como CNN e Discovery Móvel, que você assiste onde quiser. Notícias, filmes, desenhos, esportes, seriados e muito mais. Mais velocidade, mais conteúdo. Isso tudo é 3G. 3G é Claro.

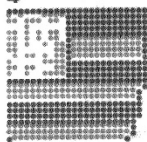


Veja mais informações em www.claro.com.br/3G.

Para saber das vantagens e limitações do celular em sua região, verifique disponibilidade, limites e outras informações em www.clarobrasil.com.br ou Ligue 102. Verifique disponibilidade de roaming 3G em sua região em www.claro.com.br/3G.



Claro.
A vida na sua mão.



SUSPENSE



FÁBIO LUCIANO. O capitão ainda não revelou se vai mesmo parar ou não

VAIAS DO RIVAL



JUAN. Na bronca, a torcida alvinegra não deixou o lateral rubro-negro em paz

O TÉCNICO



CUCKA. Finalmente, conquistou um título de peso em sua carreira

INCANSÁVEL



WILLIAMS. O volante teve mais uma bela atuação, com disposição de sobra

“

“O CLUBE VIVE UM MOMENTO FINANCEIRO DELICADO E VAI TER QUE VENDER UM, DOIS, TRÊS JOGADORES... SE FOR UM NEGÓCIO BOM PARA MIM E PARA O CLUBE, TEREI QUE ME SACRIFICAR E SAIR”.

BRUNO

Que pode deixar o clube da Gávea em agosto, na janela européia

UM OLHO NA SELEÇÃO E OUTRO NA ‘JANELA’

Bruno já é ídolo, mas ainda espera ser lembrado por Dunga e admite deixar o Flamengo em agosto

ATUAÇÕES FLAMENGO

Bruno: O herói do tricampeonato. Teve bela atuação ao defender três pênaltis. **NOTA 10**

Airton: Seguro durante o jogo, mostrou calma ao bater o pênalti. **NOTA 7,5**

Fábio Luciano: Comprometeu sua atuação ao ser expulso. **NOTA 5,5**

Ronaldo Angelim: Falhou no segundo gol, de Túlio Souza, mas quase fez um. Não deu espaço para os atacantes alvinegros. **NOTA 7,5**

Léo Moura: Apareceu pouco no ataque. Mas foi bem na hora de bater o pênalti. **NOTA 6**

Williams: Um dos melhores, correu campo todo, foi o pulmão do meio-campo. **NOTA 8,5**

Ibson: Participou das principais jogadas e ainda deu um chute perigoso no segundo tempo. **NOTA 8,5**

Kléberson: Ao lado de Bruno, foi o destaque, com dois gols. Cobrou bem o pênalti. **NOTA 8,5**

Juan: Superou as vaias da torcida do Botafogo, mas não conseguiu criar grandes jogadas. Cometeu um pênalti, mas converteu a sua cobrança. **NOTA 6,5**

Erick Flores: Deu mais movimentação, mas não chegou perto do gol adversário. **NOTA 6,5**

Obina: entrou e não esteve bem. **NOTA 5,5**

Emerson: Lutou, mas pouco tocou na bola. **NOTA 6,5**

Josiel: entrou no fim. **SEM NOTA.**

NOTA DOS INTERNAUTAS

FLAMENGO	
BRUNO	8,7
AIRTON	7,5
FÁBIO LUCIANO	7,5
RONALDO ANGELIM	6,1
LÉO MOURA	7,3
WILLIAMS	7,6
IBSON	7,6
KLÉBERSON	8,5
JUAN	7,7
ERICK FLORES	6,9
(OBINA)	5,6
EMERSON	7,2
(JOSIEL)	5,8
TÉCNICO CUCKA	7,5



JANIR JÚNIOR
junior@odanet.com.br

RAPHAEL ROQUE
roque@odanet.com.br

Bruno quer trilhar o mesmo caminho de Júlio César. O primeiro passo, que é virar ídolo do Flamengo, ele já deu, ao defender dois pênaltis na conquista de 2007 e três no título de ontem. O segundo passo é jogar pela seleção brasileira. O terceiro pode deixar a torcida preocupada, pois, no calor da vitória, o camisa 1 admitiu que pode deixar a Gávea, assim como seu antecessor, que hoje está no Internazionale de Milão, na Itália.

“Quero fazer igual ao Júlio César e deixar meu nome marcado na história do Flamengo. Realizei um sonho de criança conquistando esse título. Meu outro desejo é defender a Seleção. Frieza: essa é a palavra-chave para defender pênaltis. Fiz a minha parte, assim como todo time e a torcida, que é fantástica”, declarou o goleiro.

Durante a semana, em Volta Redonda, Bruno garantiu que se a decisão fosse para a disputa de pênaltis, ele defenderia duas cobranças. Promessa cumprida, o goleiro era só ale-

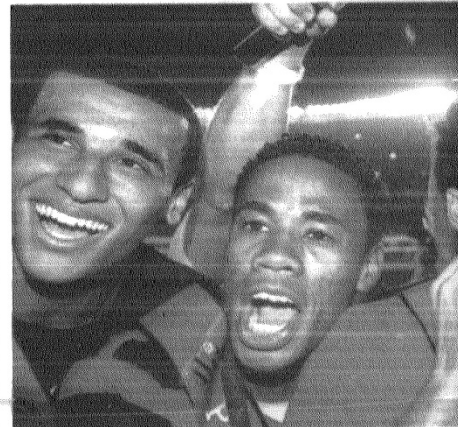
gria. “Pênalti não é loteria. Os jogadores treinam, os goleiros também. Fiquei concentrado e tive sucesso”, vibrou o jogador.

Questionado sobre seu futuro, Bruno foi sincero e não descartou a saída na janela de transferências, em agosto. “O clube tem que ter cuidado para não perder a base. O clube vive um momento financeiro delicado e vai ter que vender um, dois, três jogadores... Se for um negócio bom para mim e para o clube, terei que me sacrificar e sair”, admitiu.

Bruno classificou o pênalti de Victor Simões, ainda durante o jogo, como o mais difícil de ser defendido. Ainda no campo, o goleiro pulava como criança, exibia a medalha e, com outros jogadores, cantava: “quem não chora não mama, segura meu bem, a chupeta”, ironizando o chororô dos alvinegros. Ney Franco, porém, mereceu elogios. “Respeito muito ele, que foi quem me deu força quando mais precisei”, afirmou o goleiro.

A promessa de somente cortar os cabelos quando fosse campeão não foi cumprida, pois bem antes da decisão Bruno já deixara as madeixas de lado. “Não me arrependo. Acabou que o cabelo curto deu sorte”, finalizou.

Orgulhoso, o goleiro Bruno mostra a fãxia de tricampeão, que ajudou a conquistar para o Flamengo



Ibson e Fábio Luciano beijam a taça de campeão estadual



O NOVO CAPITÃO DO TIME DE F

Bruno herda faixa de Fábio Luciano e destaca f



Bruno voou para defender três pênaltis na decisão contra o Botafogo, mas os superpoderes do goleiro não fizeram dele um herói solitário. Ontem, Bruno, que foi eleito por Cuca como novo capitão, disse que o Flamengo é um time de heróis que superam dificuldades no dia a dia e tiveram forças para se reerguer depois da eliminação para o Resende, na Taça Guanabara.

"Heróis somos todos nós, que suamos a camisa do começo ao fim; herói é quem supera todas as dificuldades. Contra o Resende, calmos de cara no chão, mas nos demos a mão e levantamos. Herói é o grupo todo", afirmou Bruno.

"HERÓIS SOMOS TODOS NÓS, QUE SUAMOS A CAMISA DO COMEÇO AO FIM; HERÓI É QUEM SUPERA TODAS AS DIFICULDADES. CONTRA O RESENDE, CALMOS DE CARA NO CHÃO, MAS NOS DAMOS A MÃO E LEVANTAMOS. HERÓI É O GRUPO TODO"

BRUNO
Goleiro e novo capitão do time

Cuca elegeu o goleiro como novo capitão. "Ele tem espírito de liderança e como capitão terá que ser um exemplo natural", afirmou o técnico.

Antes de virar herói, Bruno temeu pelo pior. "Mesmo com 2 a 0, sabia que o Ney Franco ia para o tudo ou nada. Se o Botafogo quando empatou tivesse um pouco mais de coragem, creio que eles ganhariam, mas o time recuou. Nos pênaltis, fiquei tranquilo e frio, ainda mais que nunca perdi decisão por pênaltis, sempre defendendo um ou dois", afirmou o goleiro.

PATROCÍNIO, ADRIANO

■ Depois da conquista, o Flamengo promete ter dias agitados. O novo patrocinador — a Cosan, que estampará a marca Esso na camisa — pode ser anunciado a qualquer momento, assim como o acordo formal com Adriano, que já é considerado atleta do clube. A diretoria também quitará parte dos salários atrasados, já que o título não foi capaz de esconder insatisfação, principalmente na comissão técnica, que foi excluída da premiação que será paga pela conquista do tricampeonato. A maior parte dos jogadores está há dois meses sem receber.

Sobre o imperador, a previsão inicial é de que ele seja apresentado

PITÃO E HERÓIS

taca força do grupo depois da Taça GB

**5. QUE SUAMOS A CAMISA DO COMEÇO
ERA TODAS AS DIFICULDADES.
IS DE CARA NO CHÃO, MAS NOS DEMOS
TÓI É O GRUPO TODO**

difí- Bruno já admite deixar o clu-
caí- be na janela de transferências
s de em agosto. Aos amigos, o camisa
deí é a confidência que defender o Mil-
a. lan seria um sonho. Ontem, po-
omo rém, foi dia de o goleiro falar so-
rito bre realidade. E a realidade na
ral", Gávea ele conhece muito bem.

"No Flamengo é o seguinte:
deixou chegar, fica difícil segurar. A torcida ajuda muito, é vi-
brante, mas também cobra muito. Ela não cala um segundo, seja
para apoiar ou para cobrar. Por
isso, quando não estamos bem
na parte técnica, tem que gan-
har até na porrada", afirmou o
goleiro rubro-negro.

Sem papas na língua, Bruno
revelou que a derrota para o Re-
sende foi um duro golpe. "Com o
grupo que a gente tem não pode-

mos perder para o Resende. Não
tem como aceitar aquela derro-
ta, mas tem dias em que nada dá
certo. Não podemos envergon-
har nossa torcida. Tivemos que
tomar uma atitude", recorda.

Antes mesmo do Resende,
Bruno recordou outras derrotas
difíceis de engolir. "Fiquei enta-
lado por ter sido eliminado da Li-
bertadores pelo Defensor, em
2007, com a derrota para o Amé-
rica do México (2008) e também
com o tropeço diante do Goiás
no Brasileirão. Não podemos
dar mole em jogos decisivos. Fu-
tebol não se ganha fora de cam-
po, mas sim dentro", declarou o
camisa 1.

O goleiro saiu em defesa de
Cuca, que foi alvo de muitas crí-
ticas durante o campeonato. "Ele
fez um grande trabalho no Bota-
fogo e faz o mesmo no Flamen-
go. Agora, ele foi coroadado com o
título", afirmou Bruno.

Bruno prometeu cumprir a
promessa de doar cestas básicas
para crianças carentes. "Estou es-
perando sair...ou melhor, entrar
um dinheiro para fazer isso", di-
se o goleiro, ciente de que para
superar as dificuldades financeiras
do clube também é preciso
ser um herói.

LIANO E REFORÇOS

amen- do na segunda-feira. Especula-se
s. O no- que a Nestlé e a Oi serão as empre-
cas- sas responsáveis pelo pagamento
mis- de grande parte dos salários, que
ma- girar em torno de R\$ 400 mil.

Cuca já planeja também a ques-
tão de reforços. Com a saída de Fá-
bio Luciano — que recebia R\$ 305
mil de salário —, o treinador adian-
tou que será preciso contratar um
zagueiro.

Por enquanto, Ailton será tí-
tular ao lado de Ronaldo Angelim.
A notícia de que Beto, que já teve
passagens por diversos clubes,
poderia retornar à Gávea, segue
sendo ventilada, mas não houve
confirmação oficial por parte da
diretoria.

“

**"NÃO QUERÍAMOS QUE O
FÁBIO LUCIANO PARASSE,
MAS FOI A DECISÃO DELE.
AGORA, A FAIXA DE CAPITÃO
FICA COM O BRUNO, QUE TEM
ESPÍRITO DE LIDERANÇA E
COMO CAPITÃO TERÁ QUE
SER UM EXEMPLO NATURAL".
CUCA**
Técnico do Flamengo

LATERAL GARANTIDO

LÉO MOURA GARANTE QUE SEGUIRÁ NA GÁVEA

■ O tricampeonato conquista-
do no domingo arrebatou de
vez o coração do lateral-direito
Leonardo Moura. Apesar do in-
teresse demonstrado pelo
CSKA Moscou, equipe russa trei-
nada por Zico, o jogador garantiu
que permanecerá no Fla-
mengo para cumprir seu contra-
to, que termina em 2011. A ten-
dência é de que ele fique pelo
menos até o fim do ano.

"Estou muito feliz no Fla-
mengo e não tem porque sair.
Sei que há o interesse mas não
estou pensando nisso no mo-
mento", disse.

A trajetória de Léo Moura no Es-
tadual se parece muito com a do
próprio Flamengo. Considerado
uma das principais armas da equi-
pe, não rendeu bem em alguns jo-
gos e chegou a irritar a torcida. A
equipe começou o Estadual como
favorita por conta da manutenção
da base e de elencos pouco podo-
rosos de seus rivais, mas a elimi-
nação para o Resende na semifinal
da Taça Guanabara acendeu o si-
nal de alerta. O título restabeleceu
a lua-de-mel entre os torcedores e
o time e, consequentemente, tam-
bém com Léo Moura.

"É normal que tenha crítica de-

pois de alguns jogos ruins. Foi
assim contra o Resende, no em-
pate com o Tigres. O grupo sem-
pre acreditou. Queríamos dar o
título ao Cuca e ao nosso capi-
tão", disse o lateral.

Léo Moura foi um dos mais
abalados com o anúncio de
aposentadoria de Fábio Lucia-
no, mas espera que o grupo se
recupere rápido da perda do
companheiro. "Insisti muito pa-
ra o Fábio não se aposentar, ele
foi fundamental nessa nossa
caminhada. Vamos precisar de
tempo para encontrar uma for-
ma de suprir sua ausência".



Léo Moura acena para torcedores antes do treino na Gávea. Lateral garante que não deixará o clube

Kléberson comemora gol de presente

► O árbitro Péricles Bassols
confirmou ontem na sùmu-
la da final o primeiro gol do
Flamengo para Kléberson,
mesmo as imagens mostran-
do que Ronaldo Angelim to-
cou na bola antes de ela ul-
trapassar a linha. Feliz pelo
título e pelo 'presente', o vo-
lante comemorou a volta
por cima depois de perí-
odos difíceis no futebol turco
e no próprio Rubro-Negro

no ano passado.
"Minha oportunidade de-
morou a chegar e eu mesmo
não aproveitei algumas cha-
ncas que tive. Com paciência, en-
trei na equipe no momento
mais importante, na reta deci-
siva, e pude contribuir. Estou
muito feliz por poder partici-
par deste tricampeonato cari-
oca e com o que eu pude ren-
der", declarou o Penta, como é
chamado Kléberson pelos com-

panheiros, em alusão ao tí-
tulo mundial com a seleção
brasileira em 2002.

A equipe embarca hoje
pela manhã para o Ceará e
treina à tarde no Estádio-
Castelão para o jogo de ama-
nhã contra o Fortaleza, pe-
las oitavas de final da Copa
do Brasil. Ailton será o sub-
stituto na zaga de Fábio Lu-
ciano, que ontem confir-
mou sua aposentadoria.

Caio, o último dos fãs declarados de Bruno no Flamengo

Goleiro do time juvenil comemora título estadual com camisa que remete ao momento delicado do goleiro: 'Ainda vou rir disso tudo'

Por **Breno Dines, Eduardo Peixoto e Fred Huber** Rio de Janeiro

Sábado. Festa do título estadual sub-17 do Flamengo na Gávea. Emocionado e buscando o abraço da mãe, Caio corre pelo gramado e exibe na camisa que usou por baixo do uniforme azul a frase “Ainda vou rir disso tudo”. Ela não está lá por acaso. Remete à polêmica declaração de Bruno um pouco antes da prisão por causa do desaparecimento da jovem Eliza Samudio.

O camisa 1 do time juvenil do Flamengo é fã do ex-capitão do profissional. Ao observá-lo, as semelhanças físicas se multiplicam. Boa estatura (1,85m), jeito de andar, postura, porte atlético, liderança... E na partida contra o Botafogo as defesas também lembraram a melhor época do ídolo.

- Tenho esperança de que tudo vai terminar bem. Não consigo pensar diferente disso. Fico muito triste com tudo o que houve. Ele foi, é e sempre será o meu ídolo. Ver a imagem do Bruno preso, passando mal é muito difícil – declarou.



Caio homenageou Bruno na conquista do título

(Foto: Eduardo Peixoto / Globoesporte.com)

No Rubro-Negro, Bruno virou assunto quase proibido após o escândalo. As lembranças dele no clube são apagadas dia a dia. Os companheiros no time profissional em momento algum manifestaram apoio. Seguem a orientação do clube de virar a página ao pé da letra. Segundo relatos de amigos do goleiro apenas dois jogadores o ajudaram na prisão. Nenhum do elenco atual do Flamengo.

Diante do tabu, a personalidade de Caio, de 17 anos, impressiona. Ele fala abertamente da idolatria e carrega para todos os jogos um talismã: a camisa que ganhou de Bruno.

- Levei um quadro com fotos dele e pedi para autografar. O Bruno ficou tão feliz que me deu uma camisa. Depois daquele dia eu levo este uniforme para todos os jogos. Virou um amuleto. Pego na hora de fazer oração e peço para ele me ajudar – afirmou..

Os dois tiveram bastante contato nos dias que antecederam à detenção. Afastado do time pela diretoria, Bruno treinou algumas vezes sozinho no Ninho do Urubu e, segundo Caio, tinha comportamento normal.

- Estive com ele no CT algumas vezes depois que essa história toda surgiu. Parecia sempre tranquilo. Nós brincávamos com ele, que acabava ficando um pouco mais alegre – afirmou.

Apesar da admiração, Caio sabe separar as coisas. Ele afirmou que as polêmicas e os casos de vida desregrada fora de campo servem de alerta para os atletas jovens:

- É um alerta para mim e para todos os jogadores que estão começando. Temos que concentrar na carreira e esquecer essas coisas de bagunça fora do campo.

Mas há outra diferença entre o menino e o ex-goleiro do Flamengo: a perícia nas cobranças de falta.

- Falta eu não treino. Nem deixam porque eu bato muito mal (risos) - encerrou Caio.